



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLII
ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

ORIGENS DOS CLÃS PALIKUR-ARUKWAYENE

KINETIHWAKRI AMIN KU KARINTAK ARUKWAYENE HIMAW

Acadêmico: Ailton Batista

Orientadora: Profa. Dra. Carina Santos de Almeida

Co-orientadora: Profa. Dra. Elissandra Barros da Silva

Oiapoque, novembro de 2018

ORIGENS DOS CLÃS PALIKUR-ARUKWAYENE
KINETIHWAKRI AMIN KU KARINTAK ARUKWAYENE HIMAW

Acadêmico: Ailton Batista

RESUMO: Este estudo foi feito para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Indígena, e meu tema é a origem dos clãs palikur. O intuito dessa pesquisa foi buscar compreender a origem, organização e manutenção desses clãs no passado, para também compreender sua existência no presente, procurando estudar a estrutura da cultura de meu povo Palikur a partir de seu tempo e espaço. A pesquisa se construiu a partir de entrevistas com alguns anciões de meu povo, da Aldeia Kumenê, principalmente a partir da memória do senhor Manoel Antônio dos Santos (Wet), que foi uma grande referência nos saberes culturais do povo Palikur. Além das narrativas colhidas nas entrevistas, as orientações de TCC e as aulas no decorrer do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP contribuíram para uma compreensão mais pontual, do ponto de vista acadêmico, sobre a organização social do povo Palikur. Antigamente o povo Palikur se organizava em mais de vinte e nove (29) clãs, que viviam espalhados ao longo do território Palikur. Cada um vivia segundo sua cultura e seus modos particulares, inclusive a língua que falavam era também diferente. Atualmente os clãs Palikur estão reduzidos ao número de seis (06), que já não vivem mais espalhados, unificaram a língua, vivem principalmente na aldeia Kumenê e em outras pequenas aldeias ao longo do rio Urucauá, como também na Guiana Francesa. O entendimento sobre nossa cultura é muito importante para que possamos ter a compreensão de nossa trajetória e assim refletirmos criticamente a respeito de nossa forma de viver.

PALAVRAS-CHAVE: Clã; Palikur; Parentesco; Organização social.

MATKUNKA: Amin inin kanuhwaki ku pariye nah keh adahan nanihvwi amaksemini kanuhwaki (TCC). Amin parikwane arukwayene gihunbawankis, in awnah hahwata amin ku karintak arukwayene himaw. Inin kanuhwaki in kawih adahan nah pukunbin hiyak kabayntiwa ku kitakva arukwayene himaw, hahwata in awnah anin gihubawankis minikwenene, hahwata in kinetihwa ginimkis arukwayene ku pariye adukwenewa ay akak inin. Kanuhwene amin mmaba giwskawnikis nukebyuvwin arukwayene amun inin iwetrit ku kiney igkis misakwa, inin kanuhwaki in kehka akak ayaptaki gikakis kiyaravye kumeneyenevwi, hahwata gikak kiyavuye Wet gihiyakennin, ig kadahan karansima hiyakenniki amin inin arukwayene gihuhbawankis minikwak. Amun inin inetitap in ahiwka arintak ayaptaki in ayavan karansima adah keh inin TCC, hawata amun inin kanuhwaki amin parikwene giskawnikis umun UNIFAP, hahwata in ayavan adah nah pukunbin mmaba, gihunbawankis parikwene ku pariye misakwa aviku warik Arukwa. Minikwak arukweyene kadahan pi kibite gariw inin pinah madikwa akak mtewneke akak pisaya garawnah akiw (29), arukweyene, ikis misakwa mbuse amun ku kiney giwetriki aviku Arukwa. Arukwayenevwi minikwak mbuse ikis kadahan gihunbawankis gidahankiswa, hawata ikis kadahan mbuse giwnkis, kurin akak inin karansima arukwayenevwi madike misekwe pugunkumapu gikebikis (06), igkis ka misakwa akiw kehwa minikwakbe avavyewbetave, hanwata ikis awnah pahatwawa giwkis, igkis misakwa pi kibite avit Kumenê, hanwata avitiw nopsanyovwi patwebu aviku Arukwa, hawata akiw ikiswata arukwayene misakwa pahabatak parasimnaw. Inin kanuhwaki amin udahanwy uhunbawanwy in karansimah gawayri adahan wiswi hiyak kabantiwa amin mmaba wiswi mavya minikwak, henne nikwe wiswi ik adahan kinetihwa amin waymuwanwi minikwak.

YUIWIT AKAVUSKA: Pakebyekne; Gihebebtawnikis; Palikur

SUMÁRIO

Considerações iniciais sobre a pesquisa	6
1. As contribuições do sábio Wet e sua partida.....	10
2. A organização dos clãs Palikur no presente	12
4. Memórias sobre os clãs Palikur-Arukwayene	15
4. As relações de casamento e parentesco entre os Palikur-Arukwayene	21
5. A influência do cristianismo nos casamentos dos Palikur	23
6. Origens do povo Palikur-Arukwayene, segundo a narrativa do sábio Wet	27
Considerações Finais	30
ANEXO	32
História do clã Wakavuniyene	32
História do clã Wayvuyene	33
Histórico do clã Wadahiyene	34
História do clã Waxriyene	35
História do clã Paraymyene	36
História do clã Kawakyene	37
História do clã Kamuwyene	38
História do clã Kasuggyene	40
História do clã Kareggyene.....	43
História do clã Pariwriyene.....	44
História do clã Kaguwyene	45
História do clã Wagayriyene.....	46
História do clã Wakukwayene	47
História do clã Makawemyene.....	50
História do clã Maiyene	56
História do clã Tukurinyene.....	58
História do clã Karowkimnyene	60
História do clã Tuwesruyene	62
História do clã Kawruyene.....	64
História do clã Mahamhayene	65
História do clã Iwivrayene	66
História do clã Kurumwiyene	67
História do clã Yawiyane.....	69

História do clã Kaygyene	71
História do clã Saruwyene	72
História do clã Parawyene	73
História do clã Yatwayene	74
História do clã Mmunyene	75

Considerações iniciais sobre a pesquisa

Meu nome é Ailton Batista, sou da etnia Palikur-Arukwayene, pertencço ao clã wakavunyene e falo a língua parikwaki. Nasci no dia 15 de março de 1973, na Aldeia Kumenê, sou filho de Nenélío Batista, do clã wakavunyene; e de Raimunda Ioiô, do clã wayvuyano, mas que é conhecida como Mewka ou Mewkayan.¹ Meus pais vivem da agricultura e não aprenderam a ler e nem a escrever, pois naquele tempo não haviam escolas entre nós. Fui matriculado na primeira série do Ensino Fundamental com 8 anos de idade para estudar na primeira escola implantada na Aldeia Kumenê, na década de 1970. Estudei com a professora missionária Marta Cecília Rocha, enviada pelo *Summer Institute of Linguistics* (SIL). Recordo que a professora era bilíngue, usava as duas línguas em sala de aula, a portuguesa e a língua de meu povo, pois aprendeu a falar muito bem o parikwaki com os mais velhos da aldeia. Ao longo de meu estudo não tive dificuldades de ensino e aprendizado no português, recordo-me especialmente que no final de um ano letivo minha mãe recebeu o boletim escolar e o resultado era aprovado, lembro que ela ficou muito alegre e eu também.

Quando tinha doze (12) anos de idade ocorreu um episódio que me marcou profundamente. Estava na quinta série e recordo que tive que repetir três (3) anos consecutivos a mesma, pois conforme explicou o professor Alcimar Barbosa, eu não poderia receber a aprovação porque somente os alunos de dezesseis (16) anos em diante continuavam para a próxima série. Em seguida, os professores saíram da Aldeia Kumenê e as aulas pararam por alguns anos, contudo, em 1996, através do Sistema Modular de Ensino Indígena (SOMEI), os professores voltaram, mas eu havia desistido em virtude do que tinha acontecido comigo.

No ano de 2005 meu irmão e finado Ivanildo Gomes, então diretor da Escola Estadual Indígena Moisés Iaparrá, veio falar comigo para que voltasse a estudar novamente. Eu acreditava que era tarde demais, mas ele disse-me para pensar no futuro e que não olhasse para trás, pois tinha certeza de que conseguiria recuperar o aprendizado que perdi. Então, afirmei que iria tentar e me matriculei na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Moisés Iaparrá. Lembro-me que no primeiro dia da aula fiquei com vergonha dos colegas, pois havia parado muito tempo sem estudar, mas aos poucos fiz amizades em aula e me senti com maior segurança até o final do ano letivo.

Em 2006 comecei o Ensino Médio e em 2008 surgiu uma oportunidade para a comunidade pelo Núcleo de Educação Indígena (NEI), com apoio do Governo do Estado do Amapá, para fazer um curso de formação de professores indígenas Palikur, com vistas a atender

¹ Mewka significa tracajá, mewkayan significa “ovo” de tracajá ou um pequeno tracajá.

as séries iniciais aqui na aldeia. Houve um processo seletivo para concorrer a cinquenta (50) vagas disponibilizadas, eu participei do processo seletivo e fui aprovado e classificado. O curso tinha a duração de quatro (4) anos, tive que estudar pela manhã, tarde e noite. Em novembro de 2009 o diretor da escola e cacique da aldeia comunicou que haveria um processo seletivo para os professores indígenas que estavam cursando o Magistério, eram ao todo vinte (20) vagas de contratação administrativa do Estado e estes professores iriam assumir a Educação Escolar Indígena das escolas indígenas de Oiapoque. Então, participei do processo seletivo e obtive um bom resultado que marcou a minha vida, pois fiquei classificado em segundo lugar.

No ano de 2012 participei do Processo Seletivo do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional de Oiapoque, para cursar o Ensino Superior. Novamente fui aprovado e classificado. Estes estudos me permitiram buscar melhores conhecimentos para serem desenvolvidos em meu trabalho como professor indígena na Escola Moisés Iaparrá.

O tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda as origens dos clãs do povo Palikur-Arukwayene. Decidi escolher este tema porque pretendo estudar e conhecer as histórias mítico-fundadoras de meu povo. Há muito tempo atrás meu avô, assim como meus pais, costumava contar as histórias sobre os diversos grupos de Palikur-Arukwayene que existiam. As experiências de meu avô e dos meus pais foram marcantes em minha vida, inclusive, estas histórias são muito importantes e significativas para mim, pois permitem pensar de forma crítica e reflexiva sobre a trajetória de meu povo.

Portanto, decidi pesquisar este tema das origens do povo porque pretendo compreender melhor nossas histórias através da pesquisa, da descrição, registro e divulgação de elementos significativos do patrimônio cultural do povo Arukwayene. Este estudo procura, a partir das narrativas e experiências dos anciões da comunidade, dar visibilidade aos conhecimentos tradicionais que permanecem nas memórias dos antigos e registrá-los num trabalho escrito para que possamos, enquanto professor, ter acesso e repassar à comunidade.

O meu povo pertence ao tronco linguístico Aruak, temos a nossa própria língua, chamada parikwaki. Essa pesquisa explica as histórias das origens e constituição dos grupos que compõem o povo Arukwayene. Para tanto, busquei informações histórico-cosmológicas com os mais velhos. A finalidade da pesquisa sobre os clãs Palikur é compartilhar as histórias registradas com a comunidade em geral, entre jovens, adultos e crianças, principalmente na escola, pois tais histórias possuem importância mítico-fundadora e histórica, estão relacionadas com os saberes tradicionais do povo e como compreendemos o mundo em que vivemos.

Minha ideia de pesquisa sobre os clãs Arukwayene surgiu quando participei da Ação Saberes Indígenas na Escola Palikur (SIEP), coordenada pela professora Elisandra Barros.² Participei da transcrição das narrativas gravadas em áudio e vídeo para a língua materna parikwaki e, conseqüentemente, ajudei na tradução para o português. O SIEP assumiu grande importância para a nossa comunidade arukwayene, uma vez que garante a afirmação e o fortalecimento da cultura do povo dentro da escola, além de possibilitar aos professores indígenas Palikur amplitude, segurança e firmeza frente aos seus próprios conhecimentos tradicionais. Nessa perspectiva, poderemos contribuir mais significativamente em sala de aula.

Então, no contexto de desenvolvimento do SIEP, contribuimos para o registro de narrativas históricas e míticas referentes aos conhecimentos e formas de “interpretar” o nosso mundo, narrativas estas depositadas nas memórias e experiências dos mais velhos. Com a participação no SIEP comecei a ter uma visão mais ampla e reflexiva sobre as histórias do meu povo. Este TCC visou estudar, compreender, descrever e registrar os elementos históricos do povo, porque nossa cultura tem muito valor para mim e para a comunidade.

O objetivo principal deste trabalho consistiu em realizar um levantamento geral sobre os grupos ou clãs dos Arukwayene no passado e no presente. Assim, busquei registrar aqui as histórias que tratam das “origens” do povo. Essas histórias das origens, ainda que estejam distantes de nosso tempo presente, permitem entender melhor as trajetórias, os elementos históricos vivenciados pelo povo Palikur, proporcionam ampliar o entendimento sobre a nossa constituição enquanto povo e repensar a relação familiar e de parentesco no passado e no presente.

Procurei conversar com os antigos e coletar informações orais que possibilitassem conhecer os relatos históricos sobre os diversos grupos de Palikur que existiam e ainda existem. As histórias das origens destes grupos contribuem para compreender as formas de organização social e política do povo, inclusive, compreender a importância da língua falada, uma vez que cada grupo ou clã tinha sua própria língua. Este trabalho ajuda a entender, de forma geral, as relações de casamento e parentesco construídas pelas famílias arukwayene e indicar quantos clãs existiam no passado e quantos ainda estão presentes entre nosso povo.

No início da minha pesquisa queria falar sobre todos os fatos históricos do povo arukwayene, sobre toda a origem dos clãs, mas levaria muito tempo, talvez anos para realizar e

² A ação SIEP faz parte de um programa governamental coordenado pelo Ministério da Educação que visa oportunizar a construção e elaboração de pesquisas e materiais didático-pedagógicos para as escolas indígenas no Brasil. Nossa equipe do SIEP é constituída atualmente pelos professores da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá, pela professora Carina Santos de Almeida, sob a coordenação da professora Elisandra Barros da Silva.

completar essa pesquisa. Quando comecei a pesquisar, analisar, refletir e registrar as histórias do povo arukwayene via cada vez mais surgir outras histórias. Queria entender o modo de vida de meu povo, assim como poder explicar as trajetórias históricas vivenciadas em determinado espaço e tempo (passado e presente). Considero as histórias e cosmologias importantes para serem registradas. No entanto, para registrar e escrever tudo, para ter conhecimento mais amplo sobre a história do povo Palikur, levaria anos e anos neste estudo completo.

Para mim, Ailton Batista Wakavuniyene, desenvolver esta pesquisa, precisei utilizar a filmadora para gravar a fala dos entrevistados, isso ajudou a registrar os relatos e posteriormente a descrever, garantindo um bom trabalho. Foi principalmente através dessa ferramenta que realizei as entrevistas e conversas com os anciões de meu povo. Destaco aqui o senhor Manuel Antônio dos Santos como principal fonte de conhecimento para minhas entrevistas.

Conversei com o sábio Manuel Antônio nos dias 15, 18 e 19 de abril de 2017, em sua Aldeia Mawihri³, onde mora com sua família. Ele tinha 85 anos, e é conhecido na língua como Wet. Seu nome designa um passarinho do mato, com o bico fino e o rabo comprido, o peito deste pequeno pássaro é avermelhado e sua costa é verde brilhante. Assim, pedi autorização para que seu conhecimento sobre as origens dos clãs arukwayene pudesse contribuir neste trabalho.

Na entrevista realizei perguntas livres e utilizei os equipamentos de filmagem e gravação. O senhor Wet autorizou e disse que poderia me ajudar com sua experiência sobre a história do povo Palikur. As entrevistas foram filmadas e gravadas em parikwaki, com perguntas abertas, depois foi feita a transcrição da narrativa na língua e, posteriormente, a tradução para o português.

Procurei colocar no trabalho desenhos para ilustrar as narrativas de seu Wet, que estão contidos nos anexos do trabalho, junto com as histórias. Para ilustrar as narrativas que o senhor Wet e demais entrevistados me repassaram nas entrevistas, participaram como desenhistas os estudantes palikur Agnaldo Martins Batista Wakavuniyene, Edilson Martins Batista Wakavuniyene e Charle Martins Batista Wakavuniyene,⁴ a quem agradeço a contribuição, pois os desenhos foram significativos para ilustrar esta pesquisa.

³ Conhecida também como Aldeia Mangue. Fica localizada na margem direita do rio Urucauá, em frente à aldeia Kumenê.

⁴ Estes jovens são meus filhos.

1. As contribuições do sábio Wet e sua partida

Acredito que seja oportuno e necessário fazer alguns comentários sobre o senhor Wet, sua importância para o povo Palikur e para a construção de meu trabalho. Seu Wet foi um grande sábio reconhecido pelo povo Palikur como também reconhecido em toda a região do Oiapoque. Esse trabalho teve contribuição direta dele, pois a partir de seus conhecimentos, traduzidos através de suas narrativas, pude avançar no entendimento e na descrição das origens dos clãs Palikur. A compreensão da história do meu povo depende essencialmente do auxílio e da experiência dos anciões de nossas aldeias. Portanto, a contribuição de Manuel Antônio dos Santos (seu Wet), foi fundamental para esclarecer as origens de nossos clãs e organizar esse Trabalho de Conclusão de Curso. A ele, eu e meu povo somos imensamente gratos.

Em uma visita que fiz ao senhor Wet, no dia 12 de abril de 2018, em sua aldeia, fiquei sabendo que ele não estava bem de saúde. Quando cheguei lá ele me informou que já faziam três dias que uma forte gripe e febre o atormentavam. Nos dias seguintes recebi informações dele através de sua filha Idanilza, a qual me disse que o estado de saúde de seu pai havia piorado e que ele começou a sentir fortes dores no peito.

Então fui visitá-lo, cheguei na casa dele e percebi que realmente seu Wet estava mal. Perguntei ao seu filho Natã se o pai já havia tomado remédio, ele afirmou que sim, que o enfermeiro Djalma aplicou um medicamento injetável para passar a dor e a febre, mas o medicamento que tomou não conseguia fazer efeito, então seu Wet foi ficando cada vez mais ruim de saúde.

No dia 22 de abril seu Wet foi encaminhado para a Casa de Saúde Indígena de Oiapoque (CASAI). Depois de fazer os exames, conforme me relatou seu filho Elizeu, o médico não explicou nada sobre o problema de seu pai, só perguntou se Wet fumava e bebia bebida alcoólica. Elizeu disse que sim, que o pai bebia e fumava, mas fazia pouco tempo que ele havia parado de fumar e também não bebia mais. Elizeu disse que o médico ficou olhando para ele, depois afirmou que seu pai estava com pneumonia, doença que ataca os pulmões e que seria preciso encaminhá-lo para a CASAI de Macapá. Quando Elizeu explicou para Wet que o médico iria encaminhá-lo para CASAI de Macapá, o senhor Wet não aceitou. Na verdade, Elizeu não entendeu o que significava a doença “pneumonia”. Seu irmão Natã me contou que a professora Doralice chegou a visitar Wet, leu o resultado do exame e percebeu que ele estava com câncer no pulmão, mas que, apesar da recomendação de permanecer sendo tratado pelos não índios, Wet decidiu voltar para sua aldeia.

Natã me explicou que antes de seu pai adoecer ele teve pesadelo horrível à noite. Natã contou que ele ouviu Wet chorar na casa dele, logo foi ver o que estava acontecendo e, quando chegou lá, chamou pelo pai e perguntou o que estava sentindo. Wet não respondeu nada. Natã percebeu que o pai, na verdade, estava dormido. Em seguida o acordou e perguntou o que ele estava sentindo. Mas Wet não explicou nada sobre o que havia acontecido com ele. Quando amanheceu, Natã chamou seu pai para tomar mingau, mas Wet não quis tomar, nem quis comer nada o dia todo. No dia seguinte Wet contou seu sonho para sua neta Andressa, disse que havia sonhado com sua finada esposa Jorgina, conhecida na língua como Tivu⁵. Wet explicou que no sonho sua finada esposa veio falar com ele, disse que veio buscá-lo para ir com ela. Disse que não iria mais deixá-lo nesse mundo, pois chegou o tempo dele ir com ela e que não ia mais viver neste mundo.

Então Natã contou que uma semana depois Wet adoeceu e que falou para ele que iria morrer, pois não tinha mais como fugir da morte. Ele completou dizendo para que não ficassem tristes, pois somos passageiros neste mundo e a gente tem que abraçar a morte, não tem como fugir quando a morte chega, pois ela nos leva. Então Natã explicou que, quando Wet adoeceu, ele já sabia que ia morrer.

Sua filha Zilá conta que quando Wet deitou doente, ele falou:

– Filha, tem uma arara vermelha que canta sem parar, lá de cima da casa.

Assim, explicou que Wet disse-lhe que a arara se transformou em gente e veio lhe falar, veio lhe avisar que já tinha chegado o tempo de deixar este mundo. Wet informou que a arara havia lhe dito:

– Você é um homem bom, ajudou muito seus parentes quando estavam doentes e fazia remédio para curar as pessoas. – A arara reconheceu que ele tinha muita experiência com ervas medicinais e prosseguiu: – Mas, infelizmente, chegou o tempo de você morrer!

Zilá conta que após isso Wet confidenciou que viu a alma dele sair do corpo, parecida com ele, e seguiu uma caminhada. Contudo, Zilá conta que todos os filhos estavam com ele, mas que ninguém viu a alma dele sair.

Noutro dia Natã me relatou que quando estava no banheiro ouviu choros de gente dentro da casa de seu pai, quando disse para si:

– Meu pai morreu!

Saiu do banheiro correndo até a casa do seu pai. Quando chegou lá perguntou aos irmãos o que tinha acontecido e quem estava chorando. Seus irmãos responderam que não sabiam quem

⁵ A palavra Tivu significa “sapa” na língua.

estava chorando, mas que também tinham ouvido o choro das pessoas. Naquele momento todos os filhos ficaram sabendo que Wet não ia resistir, ele ia morrer. Muitos ficaram desesperados e não queriam que Wet morresse. Ele era reconhecido como um grande homem e grande sábio entre todos os Palikur.

No dia 23 de junho, ao meio dia, Wet vomitou sangue. Quando terminou de vomitar, seus filhos deram banho nele, pois já sabiam que ele ia morrer. Então, às 13:00 horas do mesmo dia, o senhor Wet partiu, deixou forte comoção e tristeza em seus filhos e também para a comunidade em geral. Muito choro, muitas pessoas chegaram da Aldeia Kumenê e de outras aldeias vizinhas para passar a noite junto com a família dele na Aldeia Mawihri. Todos vieram homenagear o grande sábio Wet.

No momento de homenagem o senhor Paulo Ioiô, conhecido como Pólen, do clã Wayvuyene, disse que o senhor Wet era um homem sábio, deixou uma história marcante para a comunidade Palikur. Conforme a fala de Pólen, no passado, Wet foi escolhido pela comunidade para coordenar o mutirão, preparativo da terra para plantio. Organizou o mutirão desde a roçagem, a derrubada, até a plantação de mandioca. O resultado deste trabalho foi comemorado em três dias e três noites com o ritual tradicional, a Kayka Aramtem, acompanhada com abundância de bebida tradicional, *wonska*, nome do povo para o caxixi. Ao final de sua fala, Pólen disse a todos:

– Hoje Wet merece bom descanso!

No dia seguinte, 24 de junho, às 14:00 horas, o corpo de Wet foi sepultado no cemitério Kwap.

2. A organização dos clãs Palikur no presente

Neste trabalho também entrevistei o senhor Manoelzinho Hipólito, do clã Wayvuyene, no dia 06 de setembro de 2017. Ele me explicou que os clãs Arukwayene se referem a união entre pessoas que habitam um determinado espaço, os grupos são formados pela família, ligada pelo parentesco, praticam sua cultura própria, apresentam seu jeito de organização. Manoelzinho conta que, antigamente, os clãs Palikur moravam isolados e dispersos pelo rio Arukwa, mas que cada grupo procurava e tinha seu lugar próprio para morar, afastados dos outros grupos.

Entrevistei também o senhor Nenélio Batista, pertencente ao clã Wakavuniyene, no dia 08 de setembro de 2017, na Aldeia Kumenê.⁶ Seu Nenélio esclareceu que seu clã é constituído por pessoas que vivem na mesma família, formando o parentesco que é deixado aos descendentes em comum. Afirma também que, antigamente, as aldeias Palikur do rio Arukwa eram divididas conforme a classificação dos clãs, na Aldeia Wakavuniyene só moravam famílias Wakavuniyene. Também havia a Aldeia Wayvuyene, onde moravam apenas pessoas da família, do clã Wayvuyene. Assim ocorria com outras aldeias e clãs. Nos dias de hoje os clãs vivem todos misturados nas aldeias Palikur.

Moram atualmente na Aldeia Kumenê todos os atuais clãs existentes dos Palikur, que totalizam seis (6): Wakavuniyene, Wayvuyene, Waxriyene, Wadahiyene, Paraymyene e Kawakiyene. Entre outras aldeias pequenas, como no Tawary, moram Wakavuniyene e Paraymyene. Na aldeia Urubu moram Wayvuyene e Kawakiyene. Na aldeia Amomni moram Wayvuyene e Kawakiyene. Na aldeia Mawihri ou Mangue moram Wakavuniyene e Waxriyene, dentre eles a família de seu Wet, que era filho de um homem não indígena com sua mãe Palikur. Wet me explicou que apesar de sua mãe, Gení, pertencer ao clã Kawakyono (Labontê), ele não pertence a nenhum clã Arukwayene, porque esse pertencimento é transmitido pelo pai ao filho. Assim, ainda caracterizando os clãs e suas aldeias, na aldeia Kwykwyt moram Wadahiyene e Wayvuyene. Na aldeia Puwaytyeket moram Wakavuniyene, Wayvuyene, Paraymyene e Kawakiyene. Na aldeia Kamuywa moram Wakavuniyene, Wayvuyene e Wadahiyene. Na aldeia Iwewka moram Wakavuniyene, Wayvuyene e Wadahiyene. E na aldeia Yanawa moram apenas Kawakiyene. Os nomes dos clãs palikur foram mudando, principalmente devido as imposições do estado brasileiro, que nos fez adotar nomes que não são na nossa língua. Assim, Wakavuniyene passou a ser chamado (Batista), Waivuyene (Ioiô), Kawakeyene (Labontê), Wadahyene (Iaparrá), Paraymyene (Martins ou Guiome) e Waxiyene (Felício). Apresento a seguir a Tabela 01, com a organização e distribuição atual dos clãs Arukwayene por cada aldeia do nosso povo.

⁶ Nenélio Batista é meu pai.

Tabela 01: Organização e distribuição dos clãs Arukwayene por aldeia do povo

ALDEIA ARUKWAYENE		CLÃ DE PERTENCIMENTO
1	Kumenê	Wakavuniyene Wayvuyene Waxriyene Wadahiyene Paraymyene Kawakiyene
2	Irimowni, conhecida também como Tawary	Wakavuniyene Paraymyene
3	Isuvinwa, conhecida também como Urubu	Wayvuyene Kawakiyene
4	Amomni	Wayvuyene Kawakiyene
5	Mawihri, conhecida também como Manguê	Wakavuniyene Waxriyene
6	Kwykwyt	Wadahiyene Wayvuyene
7	Puwaytyeket	Wakavuniyene Wayvuyene Paraymyene Kawakiyene
8	Kamuywa	Wakavuniyene Wayvuyene Wadahiyene
9	Iwewka	Wakavuniyene Wayvuyene Wadahiyene
10	Yanawa	Kawakiyene
11	Warumka, conhecida como Tipoca	Descendentes de Timor Sedô
12	Yakopti, conhecida como Flecha	Descendentes dos Palikur com Galibi-Marworno

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos dias atuais, as aldeias do povo se localizam ao longo do rio Urucaúá, a população está distribuída em doze (12) aldeias, conforme é possível visualizar na tabela 1: 1) Kumenê; 2) Irimowni; 3) Isuvinwa; 4) Amomni; 5) Mawihri; 6) Kwykwyt; 7) Puwaytyeket; 8) Kamuywa; 9) Iwewka, situada nas cabeceiras do rio, na BR-156; 10) Yanawa; 11) Warumka e; 12) Yakopti. Nestas aldeias residem todos os seis (6) clãs Arukwayene que ainda existem. Contudo, na aldeia Warumka ou Tipoca, residem também os descendentes de Timor Sedô, um homem de origem Saramaká que veio explorar ouro na região e que acabou fixando residência entre nós. O povo saramaká é descendente de africanos que habitam a Guiana Francesa e o Suriname. Na fronteira com Oiapoque habitam a aldeia Tampak, no lado francês, enquanto no

Brasil vivem na aldeia Yakopti ou Flecha, onde moram as famílias descendentes de Palikur com o povo Galibi-Marworno, grandemente falantes da língua Kheuól.

3. Memórias sobre os clãs Palikur-Arukwayene

No dia 13 de novembro de 2016 entrevistei o sábio Wet, em sua aldeia, para entender quais são os clãs de pertencimento do povo Palikur que vive no rio Urucauá. No momento em que estava conversando com ele o professor Adonias Guiome Ioiô, que pertencente ao clã Paraymyene, chegou e colaborou com seus conhecimentos de professor na conversa. Ao longo da conversa rememorou-se a existência de vinte e nove (29) clãs Arukwayene, conforme apresento no Quadro 01, embora seu Wet tenha garantido que haviam muitos mais, mas que conseguiu lembrar apenas estes.

Quadro 01: Clãs de pertencimento do povo Palikur-Arukwayene conforme as narrativas

CLÃ DE PERTENCIMENTO (ORIGEM PATERNA)		SIGNIFICADO OU REPRESENTAÇÃO DO CLÃ (ORIGEM FAMÍLIAS)	MUNDO
1	Wakavuniyene	Formiga preta	Animal
2	Wayvuyene	Lagarta	
3	Wadahiyene	Lagartixa	
4	Paraymyene	Bagre	
5	Wakukwayene	Originado pelo casamento de um homem wayvunyene (Lagarta), com família de wakukwayene (Macaco)	
6	Mumnyene	Cupim	
7	Makewemyene	Urubu rei	
8	Karuwylene	Arara vermelha	
9	Kawokimnyene	Originado pelo casamento de um homem wayvunyene (Lagarta) com uma mulher kawokimniyano (Onça)	
10	Wagayriyene	Lagarto	
11	Kawguyene	Vagalume	
12	Yatwayene	Gamba/mucura	
13	Kasuggyene	Borboleta	
14	Saruwyene	Lontra	
15	Kareggiyene	Mariposa	
16	Mahamhayene	Matá-matá (tartaruga)	
17	Pariwriyene	Pariwri (serra pau)	
18	Tukurinyene	Japim do mato	
19	Yawiyene	Jaburu	
20	Kawakiyene	Abacaxi	Plantas
21	Kurumwiyene	Bambu venenosa	
22	Iwivrayene	Bambu	
23	Waxriyene	Terra (Waxriyene surgiu junto com a formação da terra)	Terra
24	Parawyene	Onda com espuma	Água

25	Kamuwyene	Originado pelo casamento de um homem wakavuniyene (Formiga preta) com família do kamuwyene (Sol)	Astros
26	Kaygyene	Lua	
27	Tuwesruiyene	Arco-íris	Fenômeno natural
28	Maykyene	Vento	
29	Mayene	Maye (pessoas)	Gente/humano

Fonte: Manoel Antônio dos Santos, 2017.

No passado histórico, conforme o relato de seu Wet, o povo Palikur era dividido em diversos grupos familiares que ocupavam a região do rio Urucauá, viviam afastados uns dos outros, algumas aldeias localizavam-se nas margens do rio e outras bem distantes. Explica também que a língua falada era totalmente diferente da atual, cada grupo familiar ou clã utilizava seu “próprio dialeto”, chamado na língua kyavunka e kyatunka. O kyavunka e o kyatunka são consideradas línguas dos mais velhos, com um padrão de fala diferente e que as novas gerações não compreendem, somente os anciões utilizam-nas para comunicarem-se entre si.

Wet rememorou treze (13) nomes de aldeias existentes no passado: 1) Wayadmam; 2) Warumka (Tipoca); 3) Sawavinwa; 4) Ukup (Ucupi); 5) Saramnah; 6) Tivigunaw (Ilha de Andiroba); 7) Masika; 8) Wakawyuvit; 9) Warabdi; 10) Mawihri (Mawihgi); 11) Kwap; 12) Iwanbit e; 13) Umegmapti. Dentre estas, quatro eram maiores: Warumka (Tipoca), Tivigunaw (Ilha de Andiroba), Warabdi e Kwap, com uma população na época muito numerosa. Contudo, estas aldeias hoje não existem mais, ainda que Warumka e Mawihri (Mawihgi) tenham sido refundadas muito posteriormente. Seu Wet explica que, atualmente, ocorrem muitos casamentos entre os clãs, o que promove certa “mistura”.

No passado eram vinte e nove (29) clãs, cada qual com seus dialetos próprios. Ao longo do tempo esse número foi reduzido a menos da metade. Hoje restam apenas seis (6) clãs, já mencionados anteriormente, e todos são falantes de uma única língua, o parikwaki. O senhor Wet conta que a língua falada nos dias atuais por estes clãs restantes é a língua que dois clãs utilizavam, dos Maykyene e dos Kamuwyene. Ambos os clãs não existem mais. A língua falada nos dias de hoje, portanto, não é difícil, as crianças aprendem rápido a se comunicar, mas as línguas faladas pelos clãs no passado são consideradas difíceis.

O sábio Wet também explicou sobre a situação da migração de parte do povo Palikur para a Guiana Francesa. Disse que os Palikur tiveram os primeiros contatos com os franceses quando estes chegavam até o rio Urucauá para comprar produtos dos Palikur, como farinha de mandioca, peixe, cocar, pulseira, colares, entre outros objetos produzidos. Essa comercialização entre os Palikur e os franceses foi interrompida quando o Serviço de Proteção aos Índios (SPI)

chegou no rio Uaçá, bacia hidrográfica do qual o rio Urucauá pertence. O SPI instalou um posto de fiscalização no Encruzo, local estratégico, onde proibiu a entrada no rio Urucauá de franceses que vinham comercializar diretamente com os Palikur. Wet conta que os Palikur recebiam maus tratos na fiscalização do Encruzo, nessa época enfrentavam sérios problemas, como ocorrência de epidemias, sem assistência de saúde, dificuldades para vender seus produtos na Guiana Francesa e Saint Georges, pois ao passar pelo Encruzo tinham seus barcos revistados pelos fiscais não indígenas.

Esses motivos contribuíram para a migração do povo para o lado francês, indo residir, sobretudo, no igarapé chamado Aruwa, também conhecido na língua Kheóul como Mawoni. Depois saíram deste e foram para o igarapé Gabarre. Essas famílias eram do clã Wakavuniyene. Para o Pativiye foram famílias que pertenciam aos clãs Paraymyene e Wakavuniyene. Wet conta que depois disso outros grupos Arukwayene migraram para o lado francês e se localizaram em Saint Georges, em duas aldeias chamadas Village Esperance (Primeira Vila Esperance e Segunda Vila Esperance), onde viviam Wakavuniyene, Wayvuyene, Kawakiyene, Wadahiyene e Paraymyene. Em Regina, também na Guiana Francesa, moram Wakavuniyene e Wayvuyene, enquanto em Cayene existem aldeias Palikur, como Macoiya e Lakaye, pertencentes aos clãs Wakavuniyene, Wayvuyene, Wadahiyene, Waxriyene, Paraymyene e Kawakiyene, prosseguindo ao longo da rodovia que liga Caiyene a Courru.

O senhor Wet explica que houve extinção de muitos grupos Arukwayene na guerra com os Galibi-Kalinã ou Hiye. Essa guerra durou mais de dez (10) anos, muitos palikur morreram, explica que eram cinquenta (50) ou mais o número de mortos que se sucediam. A guerra trouxe elevada mortalidade entre o povo Palikur sobretudo quando, de acordo com o senhor Wet, os Hiye fizeram flautas com ossos dos corpos dos próprios Palikur e, quando também fizeram cuia com a cabeça dos Palikur.

Essa mortalidade Palikur, evidenciada por esta “guerra espiritual”, foi provocada por um feiticeiro hiye. Quando os Hiye tocavam a flauta feita de osso de Palikur e bebiam o caxixi com a cuia feita da cabeça, os Palikur caíam e morriam na guerra. Esse conflito acentuado pelo xamanismo resultou em muitas mortes até quando os *ihamwi*, *kotye* e *hiyevwene*⁷ (pajé) do nosso povo descobriram que estas eram provocadas pelo feiticeiro. Os *ihamwi* protegeram seu povo e retornaram o mesmo feitiço aos Hiye. A partir daí também morreram muitos Hiye, seguindo o conflito espiritual durante muitos anos. Contudo, quando o *ihamwi* convocou todos os grupos clânicos Palikur aliados do rio Urucauá para guerrear contra os Galibi, estes,

⁷ Ihamwi, kotye, hiyevwene são os nomes dados para “pajé” em parikwakri.

organizados, atacaram e mataram quase todos os Galibi. Após esse momento os Galibi saíram da região, fugindo da guerra e voltaram para Guiana Francesa, de onde eles vieram e ainda hoje vivem.

Seu Wet explicou que, antes da convocação para lutar na guerra, todos os clãs se prepararam com suas armaduras, flechas e escudos. Cada qual era reconhecido pelo seu símbolo de origem e em seus equipamentos de guerra havia a identificação de qual clã pertencia, com a marca registrada em seus materiais bélicos. As marcas dos seis (6) clãs que ainda existem estão detalhadas nas imagens a seguir:

Desenho 01: Clã Palikur-Arukwayene Waxriyene



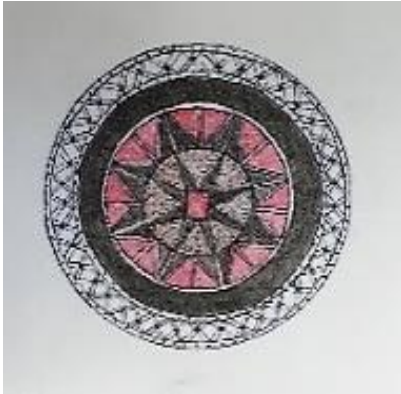
Fonte: Charles Batista e Jockson Batista, 2018.

Desenho 02: Clã Palikur-Arukwayene Paraymiyene



Fonte: Charles Batista e Jockson Batista, 2018.

Desenho 03: Clã Palikur-Arukwayene Wakavunyene



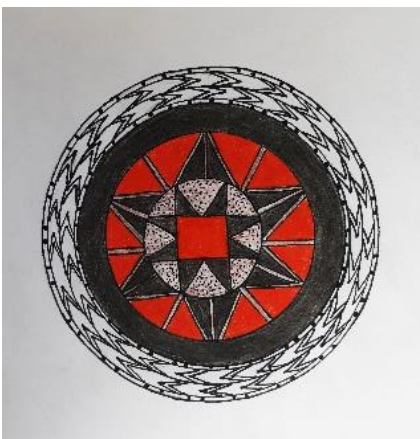
Fonte: Charles Batista e Jockson Batista, 2018.

Desenho 04: Clã Palikur-Arukwayene Kawakyene



Fonte: Charles Batista e Jockson Batista, 2018.

Desenho 05: Clã Palikur-Arukwayene Wadahyene



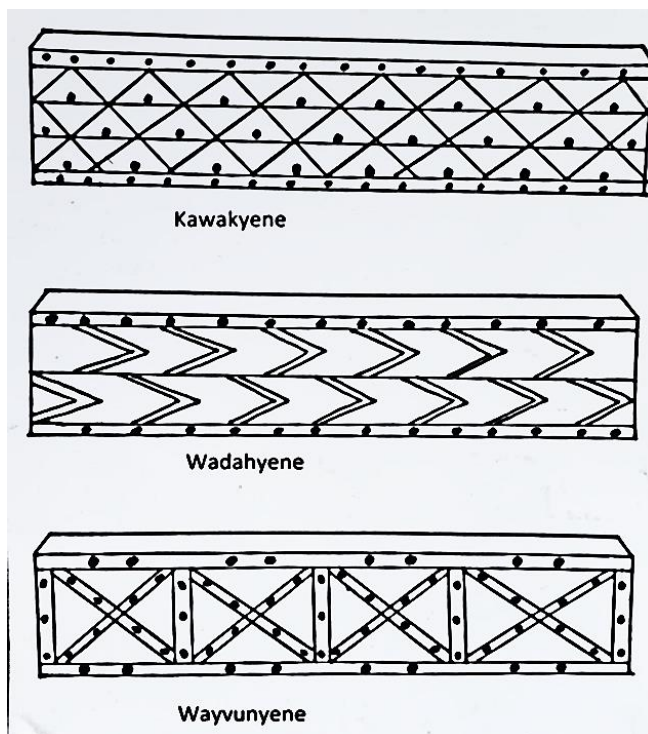
Fonte: Charles Batista e Jockson Batista, 2018.

Desenho 06: Clã Palikur-Arukwayene Wavunyene



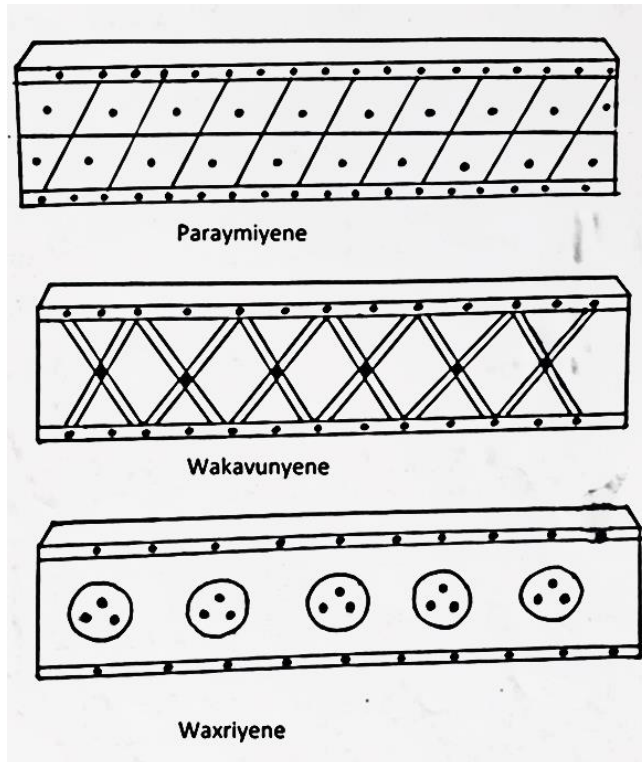
Fonte: Charles Batista e Jockson Batista, 2018.

Desenho 07: Marcas dos Clãs Palikur-Arukwayene



Fonte: Charles Batista e Jockson Batista, 2018.

Desenho 08: Marcas dos Clãs Palikur-Arukwayene



Fonte: Charles Batista e Jockson Batista, 2018.

Outro fato que motivava a migração do povo Arukwayene, segundo a narrativa de seu Wet, foi quando os portugueses, conhecidos por serem “caçadores de indígenas”, chegaram no rio Urucauá para capturar os Palikur e levá-los à força para serem escravizados. Seu Wet conta que, nesse período, os portugueses entraram na aldeia chamada Masika e capturaram os moradores, massacrando todos os Masikiyene, não deixando nenhum sobrevivente. Outro episódio de conflito foi quando os Palikur estabeleceram os primeiros contatos com os não-indígenas. Em virtude dos contatos, muitos Palikur morreram infectados pelas epidemias de sarampo e coqueluche, todas trazidas pelos não-índios. Wet explica que o povo desconhecia essas doenças e não sabia como curar, resultando, conseqüentemente, em considerável desaparecimento de grupos ou clãs familiares.

4. As relações de casamento e parentesco entre os Palikur-Arukwayene

O clã entre o povo Palikur é transmitido de pai para filho, pela linhagem paterna, portanto é uma herança paterna, caracterizando a sociedade como patrilinear. Entrevistei no dia 19 de outubro de 2017, na aldeia Kumenê, a senhora Nazaré Felício, de 86 anos de idade, pertencente ao clã Waxriyene. Explicou-me, com relação ao casamento, que em outros tempos,

em nossa cultura, havia outro jeito próprio de organização social e regras. Os grupos ou clãs preferiam o casamento dentro do mesmo clã. No passado era preferencial o casamento entre primos e, também, entre os sobrinhos ou sobrinhas. Mas essa regra de casamento, que pode ser chamada de endogamia (consanguínea), valia somente para os parentes (principalmente primos) cruzados, sendo considerado incesto o casamento entre primos paralelos. Nazaré conta que os pais faziam pedido de casamento para seu filho com uma menina, sem haver a necessidade deste conhecer a pretendente, sem precisar fazer noivado ou namoro. Os filhos obedeciam aos pais, aceitavam o casamento, mas revela que havia também casos em que o Palikur namorava escondido.

O casamento dos meus pais foi baseado na exogamia, nenhum grau de parentesco ou distante, pois são de clãs diferentes. Meu pai Nenélio Batista é do clã Wakavuniyne (formiga preta), enquanto minha mãe, Raimunda Ioiô, é do clã Wayvuyene (lagarta). A relação do casamento no tempo passado entre o povo Palikur, conforme já foi destacado por dona Nazaré, era pautada na endogamia, ou seja, o casamento era realizado entre pessoas pertencentes ao mesmo grupo clânico. Mas esse sistema de casamento entre pessoas do mesmo grupo, ou parentes próximos, foi completamente interrompido quando os missionários protestantes chegaram no rio Urucauá, quando o povo Palikur vivia e praticava a cultura própria. Os missionários perceberam que o casamento entre os Palikur se dava dentro de um mesmo grupo, acusaram essa prática como impossível e inadmissível, o casamento não poderia ocorrer dentro do mesmo clã pelo fato do casal cometer horrível pecado contra o Deus supremo. Então, o povo Palikur passou a reconhecer que a forma de casamento dentro do mesmo clã era incorreta, por isso o meu pai casou com a minha mãe, que era de um clã diferente. Nesse pensamento, não cometeriam os mesmos pecados que os ancestrais haviam cometido.

Já a consumação do casamento de meus avós maternos seguiu conforme a tradição endogâmica. Os meus avós eram do mesmo clã. Meu avô, Afonso Ioiô, conhecido na língua Palikur como Kway, que designa um passarinho que vive no campo inundável, era do clã Wayvuyene (Lagarta); e a minha avó, Maria Tereza, conhecida na língua como Pixepse, que significa um pequeno passarinho, também era do clã Wayvuyene. A minha mãe Raimunda me explicou que, na geração em que os meus avós viveram, a cultura era bem diferente dos dias de hoje, pois cada grupo ou clã praticava sua própria cultura, agiam e se relacionavam conforme seus lugares sociais, ou seja, tinham seu próprio jeito de viver.

Dona Raimunda me informou que no passado os grupos Palikur viviam isolados uns dos outros e cada grupo tinha seu próprio líder, o *ihamwy* (pajé), que era a pessoa mais idosa do grupo. Nesse tempo, de acordo com a dona Raimunda, os Palikur não conheciam esse Deus

Supremo dos missionários protestantes, acreditavam em Deuses da natureza, como o Sol, a Lua e o Trovão. Portanto, cada grupo tinha uma organização própria. Então, dependendo da cultura, eles preferiam o casamento por meio do mesmo clã. Contudo, não era permitido casamento entre família dos mesmos pais, mas ocorria o casamento com a sobrinha ou primo, filha da tia ou filha do tio. Porque como o povo Palikur vivia isolado, os grupos precisavam crescer. Para isso alguns parentes próximos eram considerados afins. Na época em que os meus avós viveram, dona Raimunda informa que os pais diziam que era melhor para seu filho ou filha casar com a sobrinha ou sobrinho, porque conhecia o comportamento dele ou dela, não teria medo de chamar sua atenção e também não ficariam envergonhados. Mas entre os Palikur não recorda de haver a possibilidade de poligamia, tanto para o homem quanto para a mulher.

Já eu e minha esposa Zélia também somos de clãs diferentes. Sou do clã Wakavunyene, (Batista – Origem da formiga preta), enquanto Zélia é do clã Paraymyene (Martins – Origem do peixe-bagre). A mãe de Zélia, dona Jovita, pertence ao clã Kawakiyene (Labontê – Origem do abacaxi) e o pai da Zélia, seu Luiz, pertence ao clã Paraymyene (Martins – Peixe-Bagre). Portanto, o meu casamento com a Zélia foi permitido pelos meus pais. Nos casamentos dos dias atuais os pais não permitem que os filhos casem com parentes próximos. Os pais já ensinam os filhos, desde criança, a conhecer a família próxima, para que quando a criança crescer ele já sabe quem é a sua família. Então, para casar, ele deve arrumar a esposa entre clãs diferentes. Atualmente, o tio considera a sobrinha como sua própria filha, também a tia considera sobrinho ou sobrinha como seu filho ou filha biológica.

Conforme as informações da senhora Nazaré sobre os casamentos, o homem era e ainda hoje é obrigado a seguir a sua mulher quando se casa, assim, passa a morar na casa do sogro e sogra. Essa regra de casamento é comum entre os Palikur, continua vigorando até os dias atuais. Nesse contexto de matrilocalidade, em que o homem passa a residir com a família da esposa, ocorre que os pais da menina precisam observar o genro, avaliam se ele cuida bem da sua filha, se ele é trabalhador, se ele é pescador e caçador, se realmente ele é um bom marido. Ao mesmo tempo o genro deve acompanhar o sogro no trabalho cotidiano, para depois, num momento futuro, providenciar a construção de sua casa, próxima a casa do sogro ou sogra.

5. A influência do cristianismo nos casamentos dos Palikur

Nos dias atuais os casamentos entre os Palikur são bem diferentes do que eram antigamente. Um dos fatores mais significativos para tal mudança foi a introdução dos ritos e

preceitos cristãos no Urucauá. Portanto, atualmente não se realiza mais o casamento entre primos ou sobrinhas do mesmo clã, como ocorria no passado. Dona Nazaré me contou que essa regra de casamento entre primo e prima ou sobrinho e sobrinha do mesmo grupo familiar passou a mudar quando os Palikur estabeleceram contatos com missionários franceses da Igreja Católica que haviam chegado no rio do Urucauá. Minha narradora também relata que o Padre explicava que não se podia casar com o mesmo grupo ou família próxima, que o casamento dentro do mesmo clã era pecado contra Deus. Assim, paulatinamente, o povo passou a acreditar na palavra do Padre. Então os pais passaram a obrigar os filhos a casar com outros grupos ou parentes afastados.

Há muitos anos atrás o povo Palikur vivia disperso em grupos de pessoas ao longo do rio, sendo agrupados a partir de uma mesma família ou clã, conforme já destaquei anteriormente. A linhagem era definida pela descendência de um ancestral, baseado em origem animal ou vegetal, como também da natureza em geral. O povo Palikur, que no tempo passado vivia disperso ao longo do rio Urucauá e dividido de acordo com seus clãs, praticava sua própria cultura, religião, língua, costume e tradição, tinha seu próprio jeito de conduzir a vida diária. Portanto, dependendo da cultura, os grupos definiam a ligação de casamento dentro do mesmo grupo familiar. Então, quando os missionários americanos da Igreja Batista, Haroldo e Diana Green, chegaram no rio Urucauá para estudar a língua Palikur e traduzir a Bíblia para a língua materna, também passaram a fazer o serviço de evangelização, buscando convencer o povo Palikur a adotar definitivamente a religião cristã. Dessa forma, passou-se a substituir os valores do xamanismo e das tradições por valores cristãos. A partir desse contato a cultura Palikur foi se transformando e a maioria das pessoas passaram a adotar o cristianismo como sua religião.

Dona Raimunda informa que Paulo Orlando foi o primeiro líder indicado pela religião protestante no Kumenê para assumir o papel de pastor, para administrar a Igreja Pentecostal Assembleia de Deus. Atualmente os pastores indígenas, junto com os membros da igreja, proibem a comunidade de praticar o xamanismo, proibem também o casamento entre pessoas pertencentes ao mesmo clã ou parentes próximos. Os pastores indígenas explicam que a cultura do povo Palikur no tempo passado era permeada da ideia do espírito mau ou “demônios” e que, depois disso, após a morte, não há salvação, que no fim será condenado pelo Deus, também chamado Jeová. Assim, para pagar pelo pecado praticado na terra, o infrator será lançado no inferno.

A influência da religião cristã sem dúvida representou, em certa medida, processos de “aculturação” para o povo Palikur. Nenélío me explicou que antes da chegada da religião protestante havia somente um morador no Kumenê, chamado Waramka, só ele tinha uma casa

na ilha Kumenê. Waramka havia casado com Ivuriti (Rosa), filha de Agaykwa (Mergulhão), que residia na aldeia Mawihri com seu marido Pol (Paulo). Nenélío conta que o Pol ou Paulo adoeceu e morreu, deixou sua mulher com seus filhos ainda crianças Rosa, Paulo, Leon e Pixepxe, que era conhecida como Maria Tereza. Pol era o mais novo, sua mãe Agaykwa lhe deu esse nome em referência ao pai. Além disso, Agaykwa sabia que ela não tinha condições de criar os filhos sozinha, pediu a sua filha Rosa para morar com ela na ilha Kumenê. Anos depois Rosa adoeceu e, como não resistiu a morte, Rosa pediu a seu marido Waramka para que quando ela morresse passasse sua casa para sua mãe morar com seus filhos, pois eles já eram jovens, já sabiam fazer roça, reformar a casa, pescar e caçar. Eles teriam condições de sobreviver com sua mãe.

Nenélío conta que após a morte da Rosa, Waramka entregou a casa para sua sogra Agaykwa, antes da saída ele homenageou a sua mulher. Depois disso, despediu-se da sogra e saiu para morar na aldeia Warwmka (Tipoca). O casal Rosa e Waramka teve três filhos, Mateus, Hemum e Hikit, que foram deixados com a avó Agaykwa, para ela cuidar deles.

Nenélío informa que quando a religião protestante chegou na aldeia Kumenê, o primeiro a receber os missionários foi Paulo Orlando e seu irmão Leon. A partir dessa nova experiência trazida pelos missionários, os diversos clãs do rio Urucauá vieram morar na ilha Kumenê, formando a maior aldeia da região. Coube então a influência da religião evangélica conduzir as mudanças a respeito dos clãs Palikur. Nenélío explica ainda que o nome da aldeia Kumenê surgiu de uma grande árvore chamada na língua Palikur de *tawnih*. Quando o vento batia nesta fazia forte barulho, *kumam*. No meio do tronco da árvore havia uma bola que foi chamada de *kumeh* (tumor). Portanto, a partir dessas palavras (*kumam* e *kumeh*) deram o nome da aldeia Kumenê.

Atualmente o povo realiza o casamento com clãs diferentes ou parentes afastados. Por exemplo: Wakavuniyene deve casar com Wayvuyono, Paraymyono, Kawakiyono, Wadahiyono, Waxriyono. Assim, também o Wakavuniyono deve casar com Wayvuyene, Kawakwiylene, Waxriylene, Wadahiyene, Paraymyene, e assim por diante. A regra de casamento nos dias atuais apresenta a relação ou mistura dos clãs como base, não seguindo mais a regra do casamento dentro do mesmo.

Os jovens não aceitam nos dias de hoje a escolha ou intromissão dos pais na escolha do marido ou esposa, preferem eles mesmos escolherem suas companheiras. Os jovens desejam namorar para conhecer a menina ou menino, para então saber se o pretendente ou a pretendente tem bom comportamento, se de fato será uma boa esposa ou bom esposo, assim, depois apresentam sua namorada ou namorado aos pais. Uma menina também, quando acha seu

namorado, avisa o seu pai para que fiquem sabendo que está namorando. Inclusive, agora os pais preferem que seus filhos casem por livre vontade e que possam escolher uma esposa ou esposo que realmente gostem. Só depois, então, falam aos seus pais e solicitam que acompanhem e realizem, oficialmente, o perdido de casamento com os outros pais.

Antes da entrega da menina, o pai ou a mãe pergunta a sua filha se ela realmente gosta do menino. Neste momento a menina deve responder em voz alta que sim, que ele é o amor da sua vida. Cabe então ao pai chamar o menino de genro, depois disso entrega a sua filha para o jovem. O pai da menina fala:

– A partir desse momento, genro, você vai passar a morar na casa do seu sogro e da sua sogra.

Cabe ao menino o dever de obedecer a todas as ordens do seu sogro. O genro deve estar apto para realizar qualquer atividade cotidiana que seu sogro mandar, para que o sogro possa confiar que o marido de sua filha será capaz de cuidar e sustentar a sua mulher e sua família.

Segundo as informações de dona Raimunda, ela explica que, antigamente, conforme a cultura do povo Palikur, os pais dos meninos e das meninas permitiam a relação do casamento só quando o menino ou a menina passassem para a fase de vida adulta, com vinte cinco ou trinta anos de idade. Nessa fase o jovem já saberia fabricar canoas, tipiti, peneira, remo, arco, flecha, construir a casa de palha, pescar, caçar, já teria sua roça. Quando o menino fizesse todas essas atividades cotidianas, sem precisar da ajuda dos pais, ele estaria preparado para casar.

A menina também deveria ser preparada para assumir o casamento. Ela deve adquirir experiência nos trabalhos das mulheres, em cuidar das crianças, preparar comidas, cuidar da casa, cuidar das plantações. E ainda tinha mais um requisito importante para as meninas poderem casar, os pais permitiam seu casamento somente se estivesse bem gorda, pois era assim que os pais reconheciam se sua filha estava apta para casar. Neste aspecto, dona Raimunda explica que os pais não permitiam o casamento da filha se estivesse magra, tendo em vista que entendiam que o corpo da menina não estaria preparado para manter o relacionamento do casamento. Inclusive, os homens, antigamente, preferiam casar com a mulher quando esta fosse bem gorda, pois consideravam tais mulheres mais bonitas e que estavam preparadas para serem mãe.

Dona Raimunda explicou que, no passado, eram os pais do rapaz que faziam o pedido de casamento do seu filho, já no momento de nascimento da pretensa nora. Caberia à mãe da pretendente aceitar ou recusar o pedido de casamento para sua filha. Mas a consumação do casamento só se dava quando o rapaz ou a moça atingissem a fase de vida considerada adulta, portanto, quando os pais achassem que os filhos estariam preparados para a união matrimonial.

Então, no momento considerado adequado, a mãe da menina chamava os pais do rapaz para marcar o dia do casamento de seus filhos.

No decorrer das fases de vida do rapaz e da moça não era permitido o namoro entre o casal, eles só se conheceriam no momento do casamento. Portanto, a partir da união do casal, o pai da moça entregava sua filha para o rapaz e, a partir de então, o genro passava a morar na casa de seus sogros. Nos dias seguintes ao casamento, o sogro mandava seu genro fazer canoa, tecer tipiti, peneira, entre outros objetos indígenas, para perceber e provar se o genro era realmente capaz de cuidar da sua filha.

Porém, os pais sempre preparam seus filhos desde criança, repassando todo conhecimento vivenciado para seu filho, afim de preparar o menino para o casamento de acordo com as tradições. Hoje, o casamento entre os Palikur mudou. Os pais não podem mais realizar o pedido de casamento sem avisar o filho porque os jovens de hoje não aceitam a decisão do pai na escolha da sua esposa. Dessa forma, quem decide o casamento é o próprio jovem (homem ou mulher), que precisa conhecer a moça ou o rapaz e saber se ele ou ela se comportam bem, de acordo com sua avaliação, será boa esposa ou bom marido.

Outra mudança significativa que ocorreu nas relações de casamento e parentesco foi que os jovens passaram a preferir mulheres que têm o corpo menos avolumado, ou seja, nem muito gorda e nem muito magra. Os jovens rapazes, na geração atual, costumam casar bem cedo, entre quinze e dezesseis anos, enquanto algumas moças, inclusive, mais cedo ainda, com doze ou treze anos de idade. Este casamento das jovens preocupa os pais, pois, em geral, não admitem o casamento tão precoce, apesar da escolha ser feita pelas moças. Contudo, acabam aceitando a união das jovens ainda muito novas com a finalidade de evitar que as filhas façam coisas que possam lhes desagradar, como engravidar sem os pais perceberem, por conseguinte, autorizam os jovens a manter relações matrimoniais bem cedo.

6. Origens do povo Palikur-Arukwayene, segundo a narrativa do sábio Wet

No dia 15 de abril de 2017 o senhor Wet contou sobre a criação do mundo. Segundo ele, ao falar da origem do mundo temos que, automaticamente, nos referir à origem dos clãs Palikur, já que um se confunde com outro. Seu Wet me disse que antes da criação do mundo já havia o primeiro homem, chamado Ihawkrit, que conhecemos hoje como Uhokri ou o nosso Deus. Ihawkrit é nosso avô, ele é o avô de todos os clãs Arukwayene. Explicou-me que no início do

mundo Uhokri vivia há muitos anos dentro de uma cerâmica com formato de ovo, assim, um dia Uhokri pensou em criar o mundo. Wet conta que Uhokri empurrava com os braços e, conseqüentemente, o ovo crescia, então continuava empurrando, até alcançar o tamanho como ele queria.

Em seguida Ihawkrit-Uhokri criou Waxri ou a terra, criou também diferentes espécies de animais. Wet disse que Uhokri ficou muito alegre e depois disso criou o segundo homem chamado Iwanika. Delegou poder para Iwanika cuidar de tudo o que havia criado. Iwanika assumiu a missão dada e, ao fazer uma longa caminhada, ouviu determinado barulho. Seguiu até onde ecoavam os sons e viu muitas itey wayvuyene (lagarta), que se moviam de um lado para outro quando, de repente, as lagartas se transformaram em gente. Em seguida Iwanika deu o nome a essa família de Wayvuyene.

Wet relata que Iwanika acompanhou o surgimento de diversos clãs Arukwayene. Wakavuniyene surge por meio da formiga preta, Kawakiyene por meio de abacaxis, Paraymyene surge por meio de bagre, Wadahiyene por meio de lagartixa, Waxriyene surge junto com a formação da terra. Então, foi assim que o senhor Wet explicou que Iwanika acompanhou o surgimento dos clãs Palikur e lhe atribuiu nomes conforme suas origens:

No início do mundo havia o primeiro homem, vivia no mar dentro de um pote de cerâmica, flutuava como um ovo, ele é chamado Ihawkit ou Uhokri, Deus – como conhecemos hoje. Com o passar do tempo Uhokri imaginava em criar o mundo, então empurrou com os braços de um lado para outro dentro do pote, e então sentiu que o pote cresceu. Então ele empurrou outra vez com força, desta vez o pote cresceu e ficou muito maior, mas ele continuava vivendo dentro do pote. Depois ele criou a terra. Uhokri vivia muitos anos no mar, se deslocava de um lado para outro. Certo dia disse “vou criar o meu servo”. Então apontou seu braço direito e surgiu o segundo homem, que passou a ser chamado Iwanika. Ihawkit deu grande poder para Iwanika cuidar dos seres da natureza.

Iwanika assumiu o compromisso de trabalho dado por Uhokri. E então Iwanika circulava a terra caminhando. Ouvia um forte barulho cantos, sorrisos de gentes. Aproximou-se para ver, mas não conseguia ver o que estava fazendo aquele barulho, pois havia imensa treva. Iwanika voltou e contou tudo para Uhokri o que havia acontecido. Então ele voltou novamente no mesmo local, e Uhokri disse a ele que iria criar luz para iluminar seu caminho e a terra. Então Iwanika voltou no mesmo local onde ouviu os barulhos, aproximou-se e desta vez viu muitas lagartas (itey wayvuyene), wayvuyene era o nome da lagarta, e por meio do itey wayvuyene surgiram as pessoas. Pouco tempo depois todas as lagartas se transformaram em gente, e assim passou a ser chamado de clã wayvunyene, ou pessoas de origens de itey wayvunyene.

Iwanika continuou sua caminhada e mais adiante ouviu um barulho dentro da mata. Seguiu até lá e viu muitas formigas (kasis wakavuniyene), wakavuniyene era o nome de formiga preta, e por meio de wakavuniyene surgiram as pessoas que passaram a ser chamadas de clã wakavuniyene. O clã wadahiyene, que tem origem da lagartixa, originou por meio de wadak. O clã waxriyene surgiu da terra, waxri era terra. O clã paraymyene surgiu por meio de bagres, parayme era o nome de peixe bagre. O clã kawakyene surgiu por meio de abacaxi, kawa era o nome de abacaxi, pessoas que surgiram do abacaxi foram chamadas de clã kawakyene. O clã kamuwyene (sol) são pessoas de origem do sol, kamuw era o nome do sol. O clã kaygyene (lua) são pessoas

de origens da lua, kayg era o nome da lua. O clã yawiyene (jaburu) são de origem do jaburu, yawiy era o nome do jaburu. O clã tuwesruyene (arco-íris), são pessoas de origem do arco-íris. O clã kawokimnyene (onça) são pessoas de origem da onça, kawokim era o nome da onça. O clã karauwyene (arara vermelha) são pessoas de origem da arara vermelha, karauw era o nome de arara vermelha. O clã saruwiyene (lontra) são pessoas de origem da lontra, saruw era o nome da lontra. O clã parawiyene (onda), são famílias de origem da onda, na língua parikwakri onda é paraw. O clã maiyene é uma nação indígena chamado Mayer. O clã kasuggyene (borboleta) são famílias de origem da borboleta de cor amarela, kasug era o nome da borboleta. O clã pariwiyene são famílias de origem de pariwri (serra pau). O clã karwyene (vagalume) são famílias de origem do vagalume, no parikwakri karuw é vagalume. O clã wakwayene ou wakukwayene são famílias de origem dos macacos, parikwakri wakwa ou wakukwa é o nome do macaco. O clã makewemyene (urubu rei) são famílias de origem do urubu rei, no parikwakri makewen era o nome do urubu rei. O clã mmumnyene (cupim) são famílias de origem do cupim, no parikwakri mmum era o nome do cupim. O clã karegyene (mariposa do mato) são famílias de origem da mariposa do mato, no parikwakri kareggut era o nome da mariposa. O clã wagayriyene (lagarto) são famílias de origem do lagarto, no parikwakri wagayri era o nome do lagarto. O clã tukurinyene (japim do mato) são famílias de origem do japim do mato, no parikwakri tukurinye era o nome do japim do mato. O clã yatwayene (gambá) são pessoas de origem do gambá, no parikwakri yatwa era o nome do gambá. O clã mahamhayene (matá-matá) são famílias de origem de matá-matá, no parikwakri mahamha é o nome do matá-matá. O clã iwivrayene (bambu) são pessoas de origem do bambu, no parikwakri iwivra era o nome do bambu. O clã kurumwiyene (planta parecida com o bambu) são pessoas de origem do kurumwi. Kurumwi é uma planta venenosa. (Entrevista com o senhor Manoel Antônio dos Santos, o senhor Wet, cedida em 15 de abril de 2017 a Ailton Batista).

A narrativa que seu Wet contou leva a compreensão de que os clãs surgem dos seres criados por Ihawkrit-Uhokri, e que este é avô de todos os humanos que estão agrupados em clãs. Ou seja, os clãs originários dos seres da natureza e, portanto, pode-se entender que estes são seus pais, seres que lhes deram a origem.

Dessa forma, a origem dos clãs está relacionada e estruturada a partir da relação desse povo com o meio em que vive. Os animais, os fenômenos naturais, as plantas, os elementos da natureza têm grande importância na criação e organização clânica Palikur. Não obstante, é a partir desses fatores relacionais e outros que a estrutura social, familiar e de parentesco entre os Palikur foi constituída. Entendo que a formação dos clãs representa a possibilidade de reconhecer o quanto os humanos estão intimamente ligados aos não humanos, aos fenômenos da natureza e aos demais seres que povoam a terra, sejam eles visíveis ou invisíveis.

Ainda de acordo com a narrativa do senhor Wet:

Os clãs palikur, quanto a origem, designava a partir dos nomes de animais plantas ou fenômenos naturais, esses nomes são acrescidos com palavras por exemplo: yene, yune ou yono. Wet conta que antigamente os animais e as plantas eram também gente, elas também como gente, possui os espíritos invisíveis. Mas quando querem comunicar com a gente se transformam em humano. Por isso antigamente os Palikur comunicavam com as pessoas e não sabem de onde veio, logo depois percebendo que os animais se transformam em humanos quando querem comunicar com a gente. Porém, muito tempo atrás alguns povos Palikur tiveram cruzamento de casamento com pessoas de origem animal, a partir deste cruzamento deram à origem de clãs como

kawokimniyene (onça) wakukwayene (macaco) yatwayene (gamba) makewenyene (rei urubu) entre outros. (Entrevista com o senhor Manoel Antônio dos Santos, o senhor Wet, cedida em 15 de abril de 2017 a Ailton Batista).

Pode-se compreender várias questões da organização social do povo a partir das narrativas do sábio Wet. Dentre elas destaca-se o entendimento de que tanto os humanos quanto os demais seres da natureza têm uma origem comum e afim, revestem-se de aparências e transformam-se, sendo todos seres originários da natureza e que possuem espírito invisível. As narrativas sobre as origens dos clãs evidenciam as relações de comunicação e transformação entre os humanos e os não humanos. E é por meio dessa comunicação inicial (tempo mítico da criação), da relação estabelecida com os seres da natureza, que surge o agrupamento e a formação dos clãs. Assim, pode-se depreender que, para não comprometer a linhagem dos clãs, segundo o agrupamento totêmico, o casamento nos tempos antigos estava pautado na endogamia como regra matrimonial.

Considerações Finais

Coletar narrativas, descrever e compreender as diversas histórias e memórias de meu povo Palikur-Arukwayene tem grande significado para mim e para todos nós. Os estudos comparativos sobre a organização social antiga e atual permitem entender nossas raízes históricas e reforçar sua importância às novas gerações. Enquanto povo e professor indígena, precisamos fortalecer a transmissão e o diálogo intergeracional. Precisamos ouvir as histórias contadas pelos anciões, prática essa essencial ao nosso próprio conhecimento e que nos permite perceber a importância dos elementos socioculturais desde os tempos antigos até os dias atuais.

As relações de contato estabelecidas com pessoas de outros lugares no rio Urucaú – principalmente missionários religiosos, sejam eles católicos ou evangélicos – trouxeram transformações significativas em nossas formas de viver, impactaram nossa organização social. Em certa medida fragilizaram nossas tradições antigas, mas também possibilitaram a ressignificação das mesmas, pois estas experiências ocorrem ou ocorreram inevitavelmente com todos os povos.

Portanto, minha pesquisa buscou discutir sobre as origens dos clãs Palikur-Arukwayene como elemento fundamental da organização social do povo. Percebe-se que as histórias e memórias reveladas pelos anciões e sábios do meu povo expõem aspectos importantes sobre a cosmologia, muitas vezes desconhecidos pela minha geração e pelos mais jovens.

Um dos objetivos de minha pesquisa foi valorizar e revitalizar as memórias dos antepassados sobre a origem dos clãs Palikur. Este trabalho possibilitou garantir uma melhor compreensão sobre elementos importantes da nossa organização social, bem como o entendimento e respeito a esses elementos de tradição, religião, crenças e saberes, sem desconsiderar e relacionai com as transformações culturais ocorridas com as novas gerações.

Cabe destacar que a melhor forma de resistência cultural do povo Palikur reside no fortalecimento do conhecimento e na revitalização e compreensão de nossas narrativas. Mesmo que estejamos sofrendo com a morte de um de nossos grandes sábios – senhor Wet –, nossos estudos e pesquisas das narrativas de história e memória garantirão que as gerações do presente e do futuro poderão acessar nossas origens.

Portanto, cabe a nós, pertencentes ao povo Palikur-Arukwayene, conhecer a origem de nossos clãs no tempo passado, mesmo que muitos destes já não existem mais. A comunidade Palikur, que reúne professores, alunos e pais, terá a possibilidade de ler sobre nossa história e aprender sobre nosso patrimônio cultural. Poderemos assim contribuir na valorização da memória de nosso povo, não deixando morrer nossas raízes e nem deixando cair no esquecimento. As histórias escritas aqui integram o patrimônio que herdamos de nossos ancestrais e que deve ser transmitido aos mais jovens.

A nossa cultura, transmitida de geração em geração, paulatinamente vem sendo valorizada e reconhecida pelos não indígenas, situação que nos projeta visibilidade regional e confere autonomia que garanta o respeito de todos perante aquilo que somos e que queremos ser reconhecidos.

É muito importante (re)conhecer nossa história e (re)valorizá-la, assim, devemos repassá-la as crianças, aos jovens e também aos adultos de nosso povo. Muitos desconhecem a importância dos clãs e que essa forma de organização social reflete em nosso modo de agir, pensar e viver em determinado tempo e espaço.

Este trabalho esclarece que não estamos acima do ambiente que nos cerca, mas que vivemos em uma situação de interrelação, interdependência e complementaridade. Isso é muito importante de ser entendido, porque permite que nossa história continue por muitos e muitos anos, sem interferência externa na nossa forma de se organizar e entender o mundo, principalmente no momento atual em que recebemos em nosso cotidiano muitas influências externas, principalmente do cristianismo.

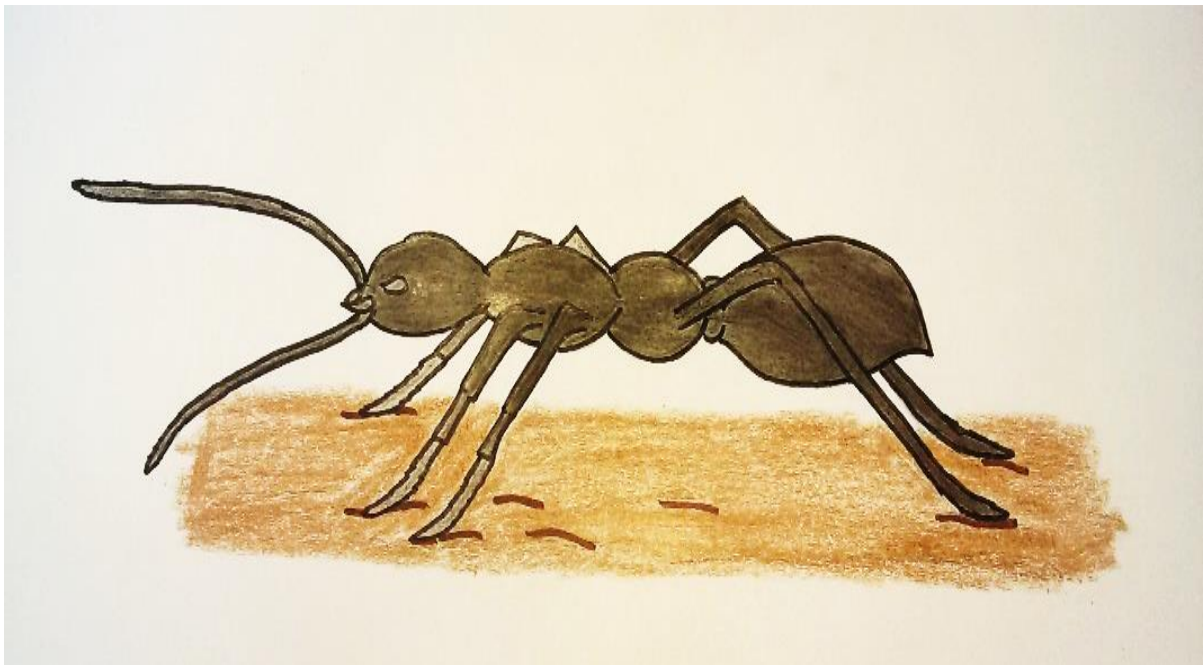
ANEXO

NARRATIVAS CONTADAS POR MANOEL ANTÔNIO DOS SANTOS – WET – SOBRE A CONSTITUIÇÃO DOS CLÃS PALIKUR-ARUKWAYENE, COM ILUSTRAÇÃO DE CHARLE MARTINS BATISTA, AGNALDO MARTINS BATISTA E EDILSON MARTINS BATISTA

As narrativas contadas a seguir registram 28 dos 29 clãs citados pelo sábio Wet. Em virtude da partida do sábio, não foi possível registrar a origem do clã Maykyene, o clã do vento.

História do clã Wakavuniyene

Imagem 01: Formiga preta representando o clã Wakavuniyene

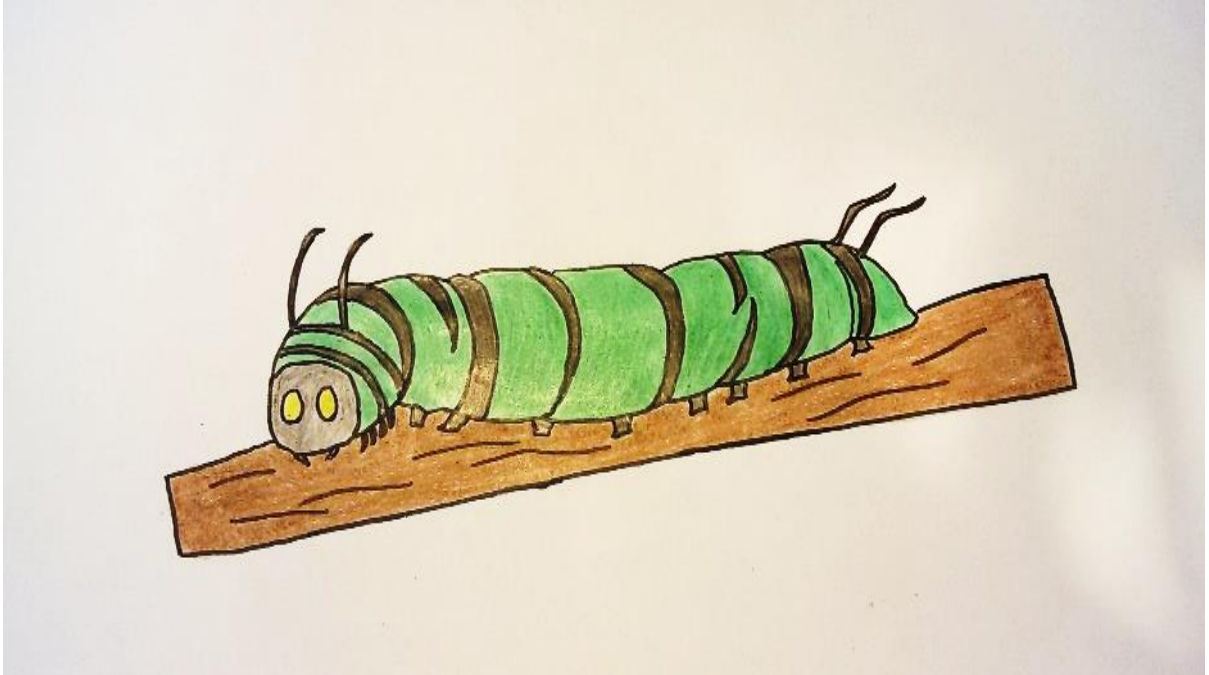


Desenho e fonte: Edilson Martins Batista, junho de 2017.

A imagem da formiga representa a origem de clã wakavuniyene. Manuel Antônio relatou que o clã wakavuniyene surgiu por meio da formiga preta, língua parikwakri wakavu, era o nome de formiga preta. Portanto, as pessoas que surgiram por meio de wakavuniyene passa a ser chamado de clã wakavuniyene ou famílias de origens de formiga preta.

História do clã Wayvuyene

Imagem 02: A lagarta verde com preto representa o Clã da Lagarta



Fonte: Agnaldo Martins Batista, junho de 2017.

O desenho da lagarta representa a origem de família Wayvuyene. Segundo a narrativa de seu Wet é de onde surgem as famílias wayvuyene, assim, ele me explicou que no surgimento do clã wayvuyene (pessoa de lagarta) esta fazia grande barulho dentro do mato, locomovia-se de um lado para outro, tantas lagartas desciam de cima de árvores para baixo até o chão e juntavam-se a mesma espécie de lagartas, logo depois se transformavam em pessoas, que passaram a ser chamadas de clã wayvuyene, no parikwakri wayvuyene era o nome de lagarta. Por isso as pessoas que surgiram por meio wayvuyene (lagarta) passam a ser chamadas de família wayvuyene ou família de origem das lagartas.

Histórico do clã Wadahiyene

Imagem 03: A lagartixa representa o clã Wadahiyene

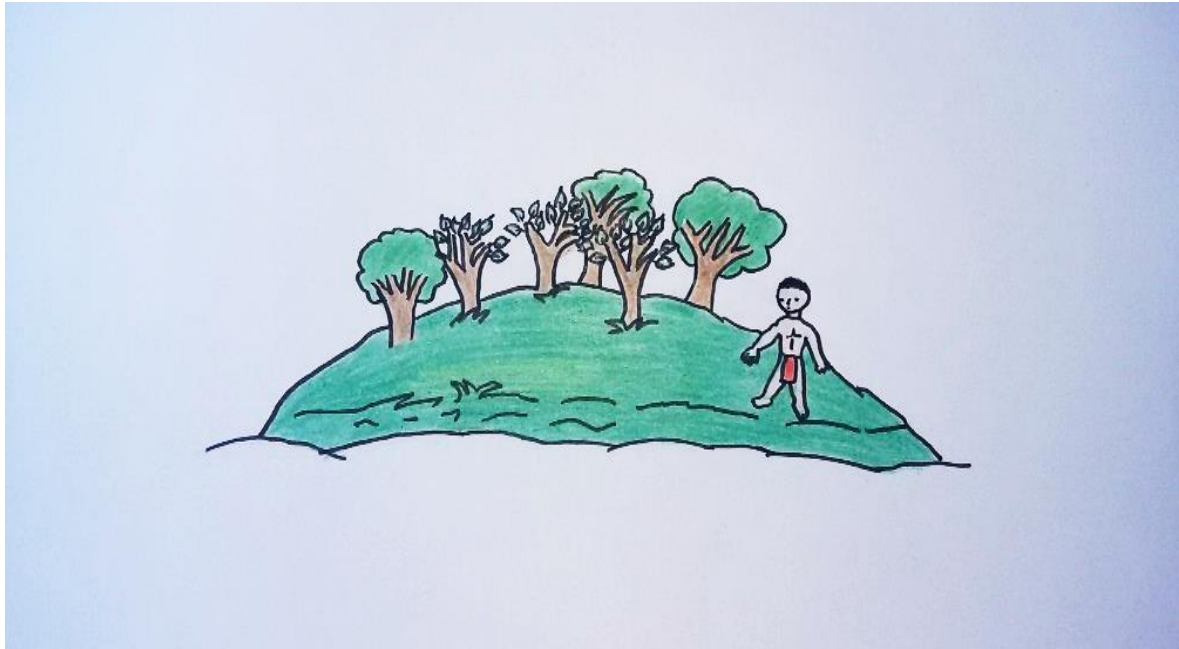


Fonte: Edilson Martins Batista, junho de 2017.

A imagem de lagartixa representa a origem de clã Wadahiyene. O mesmo informante, Manuel Antônio, me explicou que a família wadakyene surgiu por meio de wadak (lagartixa), wadak era o nome da lagartixa, portanto, as famílias que surgiram por meio de wadak passam a ser chamadas de wadahiyene, são famílias de origem de lagartixa.

História do clã Waxriyene

Imagem 04: A terra representa o clã Waxriyene

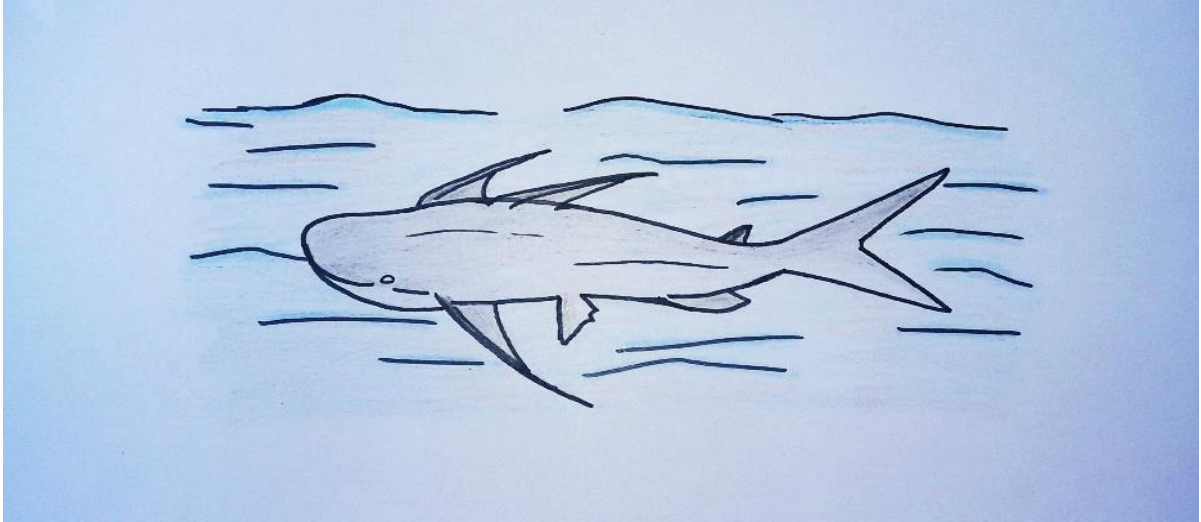


Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

A imagem da porção de terra acima representa a origem do clã Waxriyene. A partir deste desenho Manuel Antônio me contou que o surgimento do clã waxriyene se deu junto com a surgimento da terra, em língua parikwakri waxri era o nome da terra, waxriyene são pessoas originários da terra, são donos da terra, possuíram muita terra, por isso passa a ser chamado de waxriyene.

História do clã Paraymyene

Imagem 05: O peixe Bagre representa o clã Paraymyene

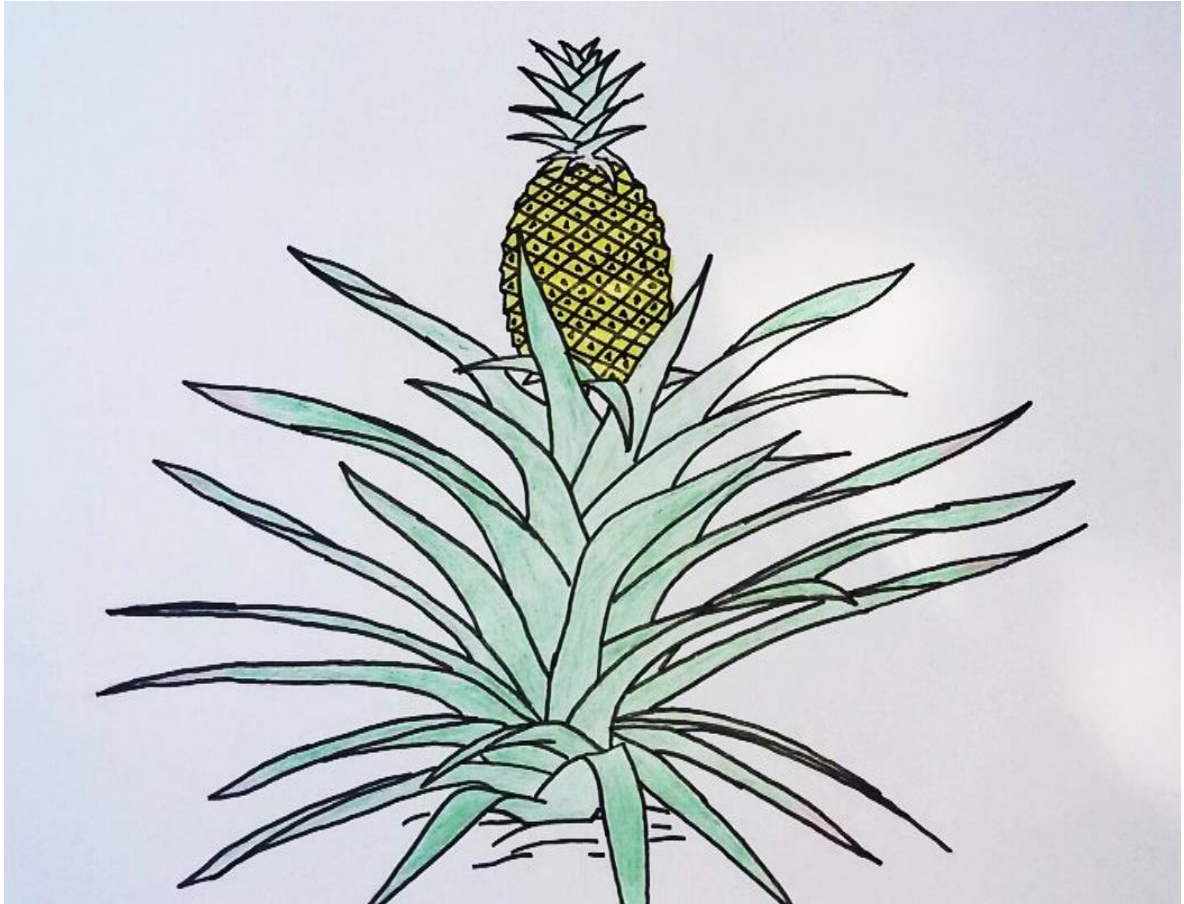


Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho do peixe bagre representa a origem da família pagaymyene. Manuel Antônio me contou que a história do surgimento do clã paraymyene se deu em função de um cardume de peixes bagres que boiavam e saltavam de um lado para outro na superfície da água de um rio. Muitos bagres boiavam e faziam como uma chuva que caía do céu sobre a água. Os bagres vieram se aproximando para a beira do rio, logo depois os bagres se transformaram em pessoas e passaram a morar na terra. Em língua parikwakri se chama parayme, que era o nome do peixe bagre. Os peixes bagres que transformavam em pessoas foram chamados de clã paraymyene, ou seja, são famílias que têm sua origem no peixe bagre.

História do clã Kawakyene

Imagem 06: O abacaxi representa o clã Kawakiyene

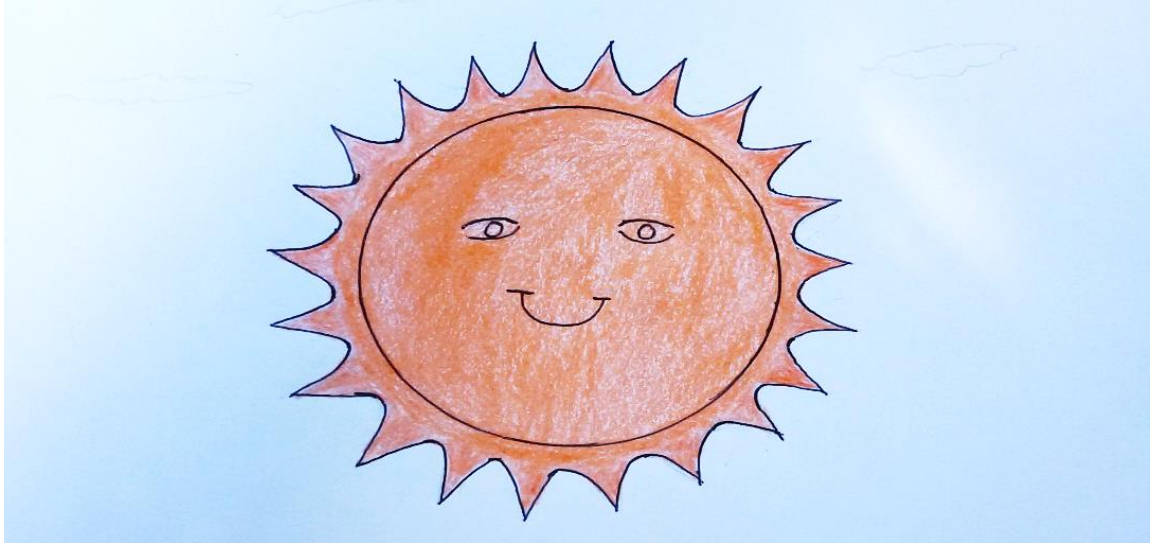


Fonte: Edilson Martins Batista, junho de 2017.

O desenho do abacaxi representa a origem da família Kawakiyene ou Kawayene. Neste desenho Manuel Antônio me contou que o surgimento do clã kawakiyene (abacaxi) tem origem no momento em que os abacaxis faziam muito barulho dentro da mata. O barulho fazia com que os abacaxis dançassem. Enquanto faziam o barulho, de repente os abacaxis se transformavam em gente, e, portanto, começaram a surgir pessoas por meio dos abacaxis, que passavam a ser chamados de clã kawakiyene ou kawayene, então são famílias que têm sua origem nos abacaxis.

História do clã Kamuwyene

Imagem 07: O sol representa o clã Kamuwyene



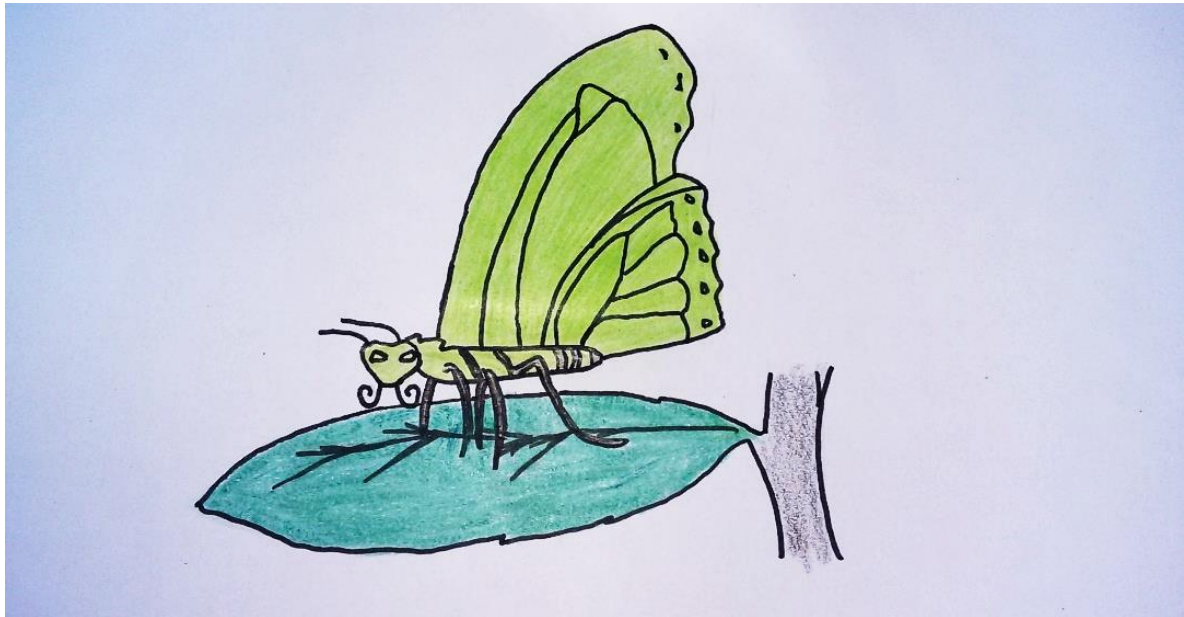
Fonte: Ailton Batista, julho de 2017.

O desenho do sol representa a origem de família Kamuwyene. Busquei informações a respeito desse clã com dona Jovita Labontê, pertencente ao clã kawakiyene. Minha informante relatou que a origem das famílias kamuwyene está contida no sol, que em língua parikwakri se escreve “kamuw”, que é o nome do sol. Dona Jovita disse que antigamente o sol era gente e que morava na terra. Eram pessoas que fisicamente eram lindos, pintavam os rostos com as marcas de símbolo do sol, e que antigamente quando a gente via uma pessoa com símbolo que representa o sol no rosto ou no corpo, sabia que se tratava de uma pessoa kamuwyene. Dona Jovita também explicou que antigamente um homem saiu para caçar, entrou no mato e andou bem longe. Saiu numa pedra bem larga e foi andando para outro lado da pedra e viu uma mulher bem bonita tomando o banho no igarapé que passava em frente da pedra e aproximou até lá e falou com a mulher, e disse: “bom dia moça, tudo bem?”. “O que queres de mim?”, respondeu a moça. “Estou apaixonado por você, gosto muito de você. Vim te falar que vou casar com você.” Disse o homem. A mulher era kamuwyano e falou: “Você acha que sou bonita e quer casar comigo, e eu te digo que não posso casar com você, mas eu tenho uma irmã, e ela é mais bonita do que eu, espera aqui ela está vindo para tomar o banho, quando ela chegar você mesmo fala com ela”. Dona Jovita disse que pouco tempo depois veio a menina, foi na água tomou o banho, logo veio o homem e disse: “moça gosto muito de você. Vim pedir você em casamento”. A mulher kamuwyano respondeu que aceitava o casamento, mas disse que ele devia falar com seu pai. E o homem disse que iria falar logo. A mulher disse que sua casa não era longe de onde

estavam. Então dona Jovita disse que o homem chegou lá, pediu a mulher kamuwyano de seu pai, ele aceitou e entregou sua filha e pediu ao homem para ficar com sua filha na casa dele pelo menos dois anos. Dona Jovita explicou que depois de dois anos, ele pôde levar a mulher para sua aldeia, então a Jovita disse, o homem ficou na casa do seu sogro kamuwyene, depois de dois anos o casal passou a morar na aldeia dele, o casal teve só uma filha kamuwyano, depois disso o casal teve muitas brigas e kamuwyano deixou o marido e voltou para casa de seu pai, mas deixou a filha com seu pai, quando a menina cresceu casou e teve os filhos, que deu a origem do clã kamuwyene.

História do clã Kasuggyene

Imagem 08: A borboleta representa o clã Kasuggyene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

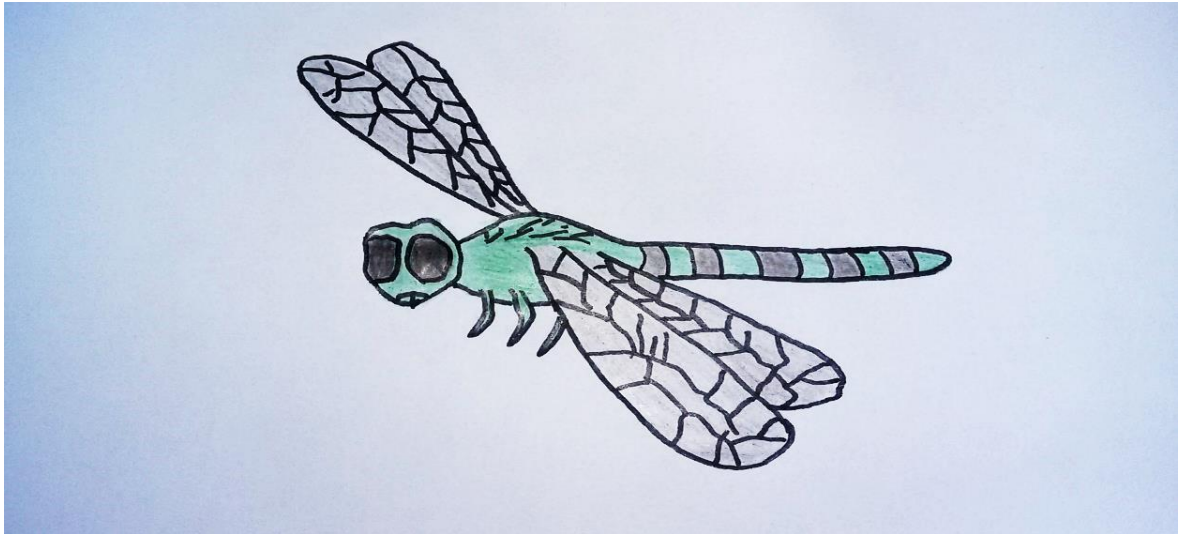
O desenho da borboleta representa a origem da família Kasuggyene. Segundo a narrativa de Manuel Antônio, os kasuggyene são famílias de origem da borboleta, ou na língua Palikur se chama “kasug”, que era o nome da borboleta de cor amarela. Manuel Antônio me contou que antigamente dois jovens do clã wayvuyene foram pescar no período do mês de agosto, na época de deslocamento de borboletas, que seguem a direção leste, atravessando o Urumewni para festejar. Manuel Antônio disse que o jovem mais velho falando sozinho disse: “kasug, se você é gente como nós, pergunto: onde vocês vão assim em grande quantidade e na mesma direção?”. “Para Urumewni”. O jovem já tinha ouvido seu avô falar que os kasug festejam no Urumewni, mas não conheciam esse lugar, então queria também conhecer o lugar. Manuel Antônio conta que o jovem mais velho termina de falar, disse para seu irmão mais novo: “vamos fazer peixe assado aqui na beira pra a gente comer”. Acenderam o fogo e quando já estavam assando os peixes, uma mulher chamou por trás do jovem mais velho. Ele olhou para ela e viu uma moça bem bonita, vestida de saia amarela. Ela perguntou ao jovem o que ele estava falando, pois ela estava vendo muitas kasug (borboletas) atravessando o campo em direção ao leste. O jovem respondeu dizendo que havia perguntado às kasug onde elas iam, que ele queria ir junto delas também para o local que estavam indo fazer sua festa. A mulher perguntou aos jovens se eles queriam conhecer Urumewni, local onde os kasug faziam festa, pois estas borboletas que vocês

estão vendo somos nós, eu sou kasuggyano. Então a moça disse que tinha que convidar os jovens para conhecer Urumewni e festejar com os kasuggyano no Urumewni. Manuel Antônio disse que os jovens aceitaram o convite e foram com a moça. Logo depois as borboletas transformaram a visão dos jovens, vendo que eles entraram no grande barco, e passaram a enxergar muitas mulheres kasuggyano dentro do barco. Manuel Antônio explicou que pouco tempo depois os kasuggyenewi distribuíram o caxixi e deram para os jovens tomar. Seu Wet me informou que o barco percorreu uma semana, noite e dia, atravessando Urumewni. Manuel Antônio me explicou que na língua parikwakri (Urumewni) é o rio Amazonas. Ele disse que no dia seguinte amanheceu no outro lado de Urumewni, o kasuggyano avisou que havia chegado na sua aldeia Urumewni, era lá que ia acontecer a festa com muito caxixi e que iria durar um mês. Manuel Antônio me contou que os jovens olhavam cheio de mulheres kasuggyano na praia preparando a festa, pintava o mastro, os bancos, pintavam os corpos. O kasuggyano disse aos jovens que iriam subir na terra, mas não olhem para as meninas kasuggyano que estão na praia, pois elas parecem pessoas mas elas são kasug (borboletas), os olhos delas são bem finos e se olharem para elas os olhos de vocês se transformam como os delas, bem finos. Seu Wet me disse que então os jovens subiram para terra, passando perto das borboletas (kasuggyano) o jovem mais novo olhou para as borboletas e logo o olho dele se transformou igual ao olho de kauggyenewwi, ou seja, bem fino. Então o kasuggyano com quem os jovens vieram disse para o jovem mais novo, agora você não vai dançar conosco, fique aqui com as meninas kasuggyenovwi e na volta pegamos você para levar de volta para sua aldeia. Manuel Antônio continuou dizendo que os kasuggyenewi disseram para os jovens, nós gostamos muito de vocês e por isso avisamos vocês, mas você jovem mais novo não obedeceu ao que eu falei, veja agora o que aconteceu com você. Em seguida o jovem mais velho foi para a festa com kasuggyanovwi, chegou na festa, apresentou o jovem para o cacique kasuggyene e disse para kasuggyanovwi arrumar o jovem wayvuyene e pintar bem o corpo para poder participar da festa. Então elas fizeram como o cacique pediu. Pintaram bem o corpo do jovem, parecido com kasuggyenewwi, e foram para a festa. Dançaram três dias e três noite e o jovem não aguentava mais, pois estava muito cansado e disse para kasuggyonovwi que queria dormir, pois estava muito cansado. Então foram dormir, pois a festa iria durar um mês. No dia seguinte de manhã levantaram, kasuggyano disse para jovem: “olhe para a praia”. O jovem olhou e viu muitas borboletas de diferentes cores dançando, kasuggyano disse ao jovem: “Você está vendo estas borboletas? Elas também são pessoas como nós”. Depois dessa conversa kasuggyano voltou a dizer: “Agora olhe de novo para praia”. O jovem olhou de novo para a praia e viu só as pessoas dançando, e a dança não parava nem um dia. Havia muito caxixi na festa, até completou um mês e a festa terminou.

Então o kasuggyano disse ao jovem: “Agora nós vamos voltar de onde viemos, vamos passar com seu irmão e levar de volta para sua aldeia, mas eu te digo que o olho do seu irmão não volta mais como antes, o olho dele vai ficar fino como o olho dos kasuggyenewi”. Então eles voltaram, levaram o jovem de olho fino de volta para sua aldeia, mas o jovem mais velho não quis mais voltar à sua aldeia e foi com kasuggyenovwi. Quando o jovem mais novo chegou na sua casa sua mãe perguntou: “Meu filho o que aconteceu com vocês, onde está o seu irmão? O que aconteceu com seu olho? O seu olho não é assim e agora eu estou vendo o seu olho muito pequeno. Achei que vocês já tinham morrido”. O jovem respondeu à sua mãe: “Eu e meu irmão fomos com kasuggyenewwi na festa de Urumewni. Fomos conhecer Urumewni e, quando chegamos no Urumewni, o kasuggyano avisou para não olhar para as meninas kasuggyanovwi, mas não acreditei na palavra dela, quando olhei para elas sem perceber o meu olho ficou fino como o delas. Mas não faz mal, eu estou bem. Mas o meu irmão não quis mais voltar, ele decidiu morar com kasuggyenewi e foi com elas para aldeia kasuggyenaw”.

História do clã Kareggyene

Imagem 09: A mariposa do mato representa o clã Kareggyene

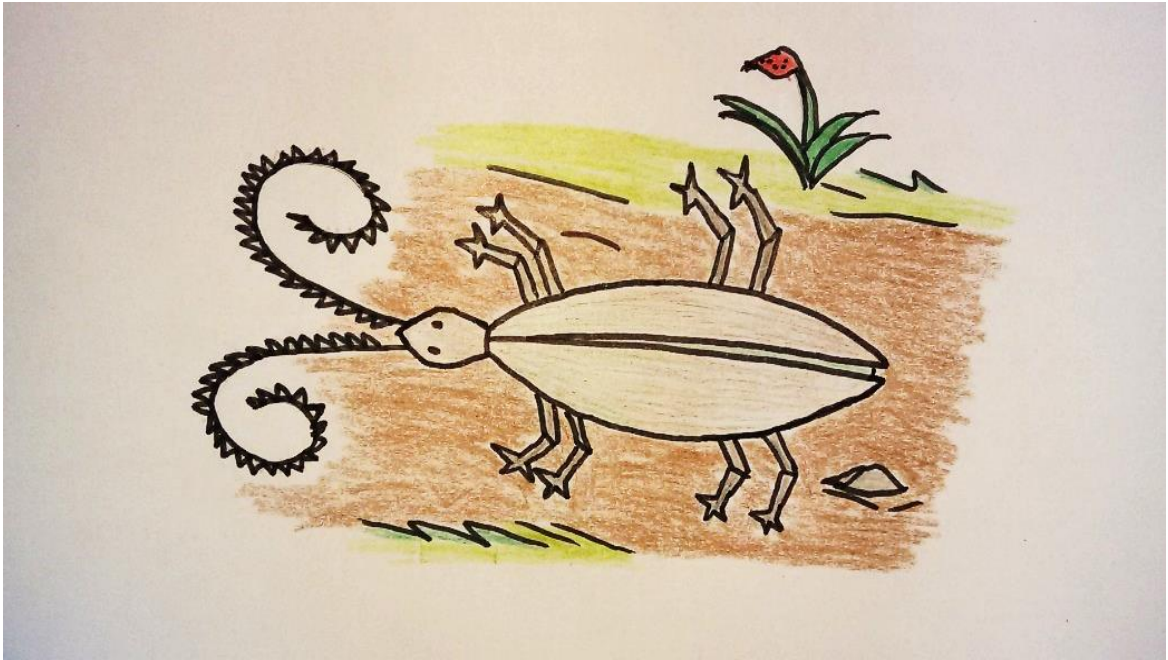


Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho representa a origem das famílias Kareggyene. Segundo seu Manuel Antônio, antigamente karegut ahawikiyene (mariposa do mato) se transformavam em pessoas. Seu trabalho era só pra cercar a água do lago, mar, grandes rios. Manuel Antônio conta que o kareggyene trabalhava para makewem (urubu rei) e eram pessoas fisicamente altas e fortes. Cada mês eles iam procurar um lago ou um rio onde tinha muito peixe e, quando achavam o lago com muito peixe, diziam: “Inin ayn nuteyni” (isto aqui é a minha armadilha cheia de peixes). Kareggyene sempre pescava no grande lago Urumewni (Rio Amazonas). Quando os kareggyene acharam o lago cheio de peixes avisavam o makewem (urubu rei) para que mandasse mais gente com kareggyene para carregar os peixes. Quando kareggyene chegava ao lago ele abaixava a cabeça e bebia água, depois levantava o braço pra cima com força. Quando a água secava, mandavam as pessoas de makawem pegar peixe e guardar no jamaxi. Quando terminava de pegar todos os peixes, kareggyene derramava a água de volta no lago pela boca, e então enchia bem o lago com a água. Segundo a narrativa de seu Manuel Antônio, a missão do clã kareggyene só secar a água.

História do clã Pariwriyene

Imagem 10: O pariwri representa o clã Pariwriyene

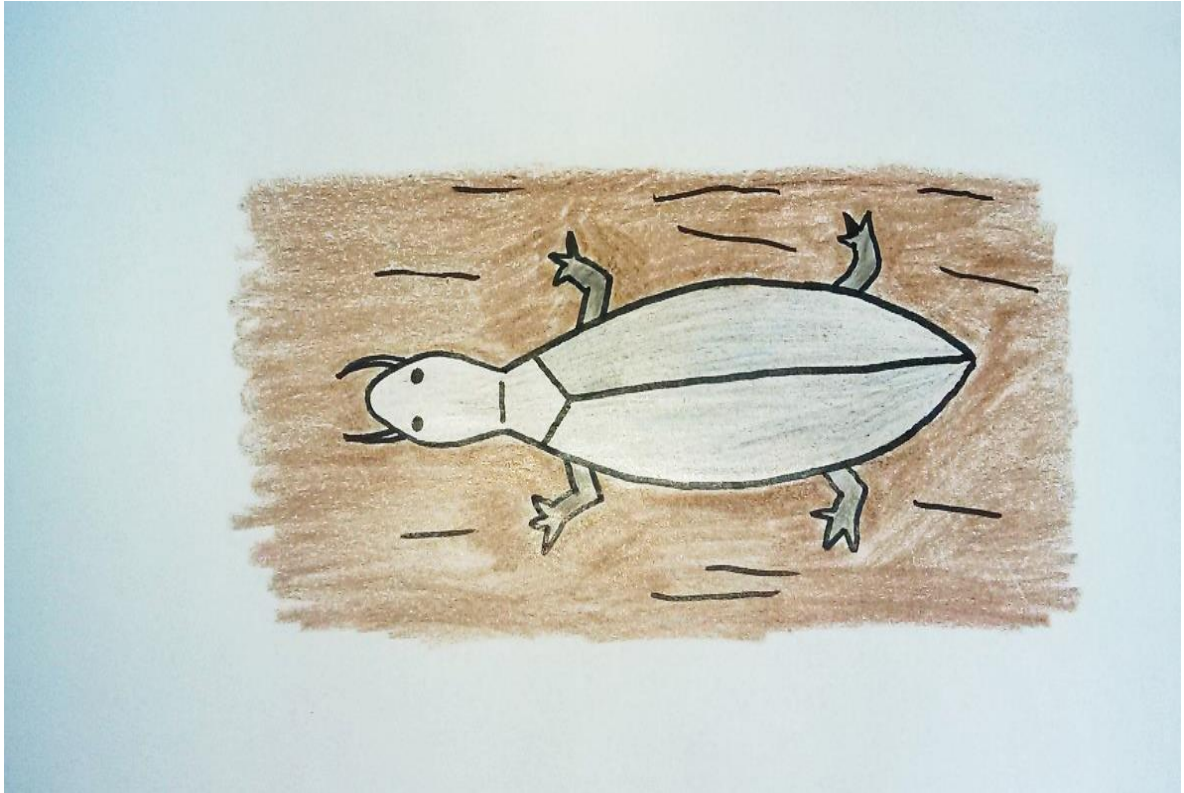


Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho pariwri representa o clã Pariwriyene (serra pau). Seu Wet contou que o pariwri antigamente também eram gente e trabalhavam para o makewem (urubu rei). Sua missão era derrubar a roça de makewem, pariwriyene chamado em língua parikwakri miguwekne, e em português “pessoa que trabalha só com machado”. Pariwriyene derrubava a roça muito rápido, makewem cada ano fazia grandes roças e mandava pariwriyene derrubar a roça. A derrubada durava apenas a metade do dia, pois ela começava cedo e terminava meio dia em cada ano, de tarde entregava a roça de makawem, pois ela já estava bem derrubada.

História do clã Kaguwylene

Imagem 11: O vagalume representa o clã Kaguwylene

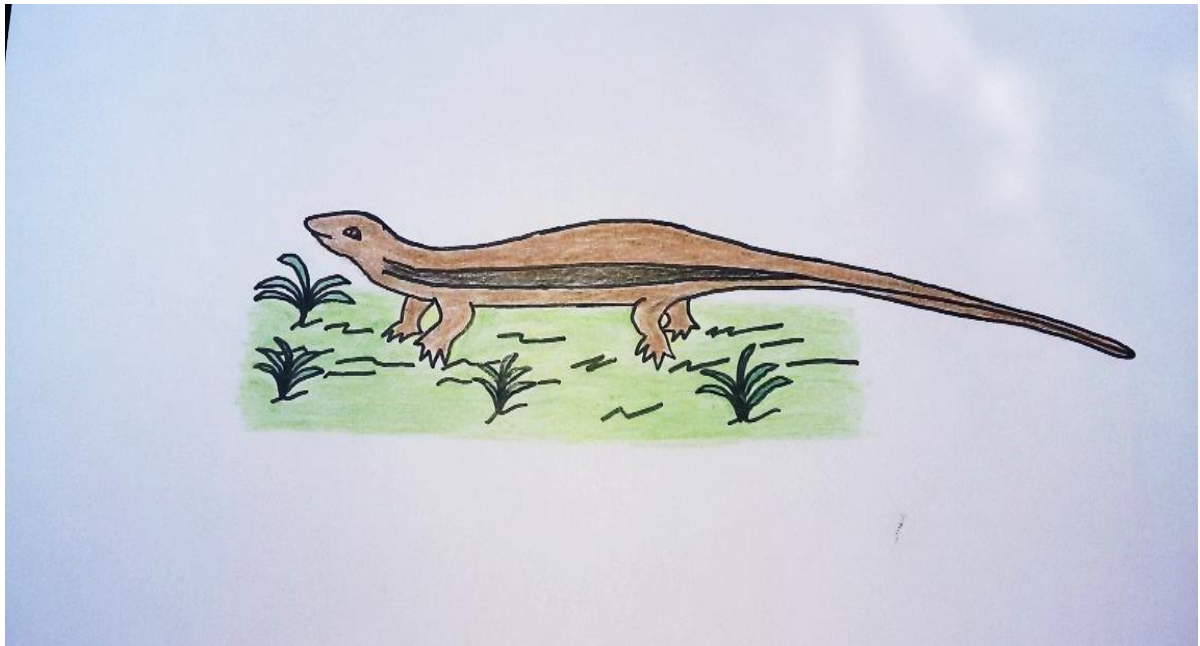


Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho do vagalume representa a origem da família Kaguwylene. Segundo seu Wet, antigamente o vagalume também era gente. Em parikwakri chama-se kaguw, e em português é vagalume. Kaguwylene também trabalhava para o makawem, sua missão era acender o fogo, fazer queimada da roça de makewem. Então todo ano o kaguwylene deveria tocar o fogo na roça de makewem e deixar bem queimada e a tarde avisava o makewem que a roça já estava bem queimada. O clã kaguwylene é chamado na língua parikwakri “tiketine”, e em português são famílias que trabalhavam só com queimada.

História do clã Wagayriyene

Imagem 12: O lagarto representa o clã Wagayriyene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

A imagem de lagarto representa origem de família Wagayriyene. Manuel Antônio me contou que antigamente lagartos também eram gente, wagayri era o lagarto. Wagayriyene moravam na ilha sarnmah, a ponta da ilha chamava wagayginaw. Esta ilha se localiza ao lado direito de warumka (Tipoca). Onde o waramwi (cobra-grande) morava. Manuel Antônio me disse que atualmente encontram-se na wagayrinaw plantas e diferentes tipos de pimenta que são plantas de wagayriyene. Disse que os wagayriyene tinham habilidades de fabricar e tecer diferentes tipos de matap (tipiti), pintados com grafismo que representa bukutru garaybap (dente de cutia), kariwu amarap (escama de tamatá), ruw (peneira), yarayga ahinah (caminho de saúva), kutak awakap (símbolo de pé de passarinho), karokim asubunap (símbolo pé de onça), awari (bano), feita com símbolo de kariwu amarap (escama de tamata), makewem gidevap (cabeça do rei urubu), yamat (bolsa) feita com gráficas que representa kariwu amarap (escama de tamatá), kutak awakap (rastro de passarinho), karokim asubunap (rastro de onça), entre outros. Então essas são as principais habilidades de warayriyene e, até hoje, os objetos indígenas Palikur são fabricados com huwevri (arumã), aprendidos com os warayriyene.

História do clã Wakukwayene

Imagem 13: O macaco representa o clã o Wakukwayene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho do macaco representa a origem da família Wakukwayene. De acordo com Manuel Antônio, este é o nome do macaco na língua parikwakri “wakukwa” ou “wakwa”. Antigamente os macacos se transformavam em pessoas quando queriam comunicar com a gente. Há muito tempo os anciões contavam que um jovem foi à roça tirar cana-de-açúcar, quando ele estava tirando a cana uma moça chamou o jovem por trás. Ele olhou para ela, viu uma moça bem bonita. A moça era wakukwayano. “Deseja alguma coisa, moça”? Perguntou o jovem. Ela respondeu que não, mas que tinha ido pedir o jovem em casamento, pois ela gostava dele. O jovem disse: “Tudo bem, mas não posso aceitar agora, por que eu tenho a minha mãe, e eu devo conversar com ela. Caso ela aceite o casamento amanhã dou a resposta aqui no mesmo local”. Então o jovem voltou para sua casa e contou para sua mãe o que havia acontecido na roça. Sua mãe lhe disse que ela não poderia decidir e não poderia escolher mulher pra ele, mas que ele deveria decidir se você gosta dela, então, poderia casar. O jovem respondeu à sua mãe: “Tudo bem mãe, eu gosto dela e vou casar com ela”. Manuel Antônio contou que no dia seguinte o jovem foi na roça buscar a mulher, chegou na roça e a moça já estava lá, assim, disse para ela que tinha ido buscá-la, disse que ela iria ser a sua mulher, que já havia falado com sua mãe, e que ela havia aceitado o casamento. Agora o casal iria morar na casa da mãe do jovem. Manuel

Antônio me conta que a moça wakukwayano também aceitou morar na casa de sua sogra. Depois de uma semana o jovem foi com sua esposa wakukwayano na roça, quando eles estavam cortando a cana-de-açúcar o jovem ouviu o barulho de macacos assobiando, pulando nos troncos de árvores ao redor da roça. Logo a mulher respondeu assobiando, como os macacos se comunicando. Seu marido perguntou se ela entendia a língua dos macacos, ela respondeu que sim, pois também era wakukwayano. A moça disse que eles eram seus parentes, eles são os seus cunhados. Então o jovem perguntou o que eles queriam e a mulher disse que eles tinham vindo pedir cana-de-açúcar pra eles comerem. O jovem disse para ela chamá-los, pois ia dar cana pra seus cunhados. Ela os chamou e os macacos vieram, cortaram muita cana e levaram para o mato. No outro dia o jovem e sua mulher wakukwayano foram bem cedo para a roça, pouco tempo depois vieram novamente os macacos, assobiavam, assobiavam ao redor da roça, a mulher respondeu assobiando para eles, e seu marido perguntou à ela o que que eles queriam. Ela disse que queriam cana novamente e que também seus irmãos foram avisá-la que o seu avô iria fazer uma festa com a Dança do Turé no próximo mês, no período da lua cheia. E que seu avô queria que ela participasse da festa para dançar com ele, então ela disse que tinha que ir dançar com seu avô na festa dele. Seu marido disse que ia junto com ela para a festa. Mas a mulher disse que seu marido não poderia ir com ela, porque a dança de seu avô é estranha e ele iria rir, sendo que a festa de seu avô era muito respeitada e ninguém poderia rir. Caso ele achasse graça seu avô iria desaparecer juntamente com todos os participantes da festa e seu marido iria ficar lá mesmo, porque não teria respeitado a festa. A mulher completou: “Você até pode ir comigo, mas já está avisado. Se alguma coisa acontecer com você eu não vou ter culpa, porque eu te avisei”. Seu marido prometeu que não iria rir. Então eles combinaram de ir à festa. Quando chegou o período da lua cheia, saíram bem cedo. Ao chegar de tarde ao local a wakukwayano avisou seu avô que eles tinham chegado e que tinha levado seu marido. O avô disse que poderiam se acomodar, amarrar a rede do seu marido, descansar e quando chegasse a meia noite mandaria sua tia avisar para que ela fosse dançar com ele. Quando chegou meia noite a sua tia a chamou, dizendo que já era meia noite e que seu avô já estava esperando para dançar com ele. A moça foi junto com marido para ele assistir a dança. Logo o avô wakukwayene cantava acompanhado com a flauta feita de bambu e a neta dançava com seu avô. A festa foi bem divertida, pois havia muita gente dançando. Quando deu cinco horas da manhã o wakukwayene falou que iria brincar para alegrar a festa, disse que ia dançar sozinho. E assim ele fez. Ele dançava, dançava muito e os participantes da festa estavam todos muito alegres, aplaudiram o festeiro wakukwayene. Para finalizar a festa o festeiro jogou o caxixi no meio dos participantes da festa, mijou em cima das pessoas que estavam lá, depois jogou no meio das pessoas o resto

de caxixi que foi coado, logo em seguida defecou em cima das pessoas e a festa dos wakukwayene ficou engraçada. Seu Wet conta que o jovem não aguentava mais e deu uma grande rizada rá, rá, rá, rá, aaaaaaaaaaaaaa. Logo sumiu toda gente da festa, ficou só o jovem. Ele percebeu que estava em cima de uma árvore bem alta. Desesperado, se perguntou como iria descer da árvore. Ficou muito triste, chorou, depois veio o tukurinye (japim do mato), posou no galho da árvore, chegou perto dele e cantou alegre. O jovem disse: “Tukurinye se você for gente, você poderia me ajudar a descer daqui?” Logo depois o tukurinye voou, mas pouco tempo depois alguém chamou o jovem lá de baixo da árvore e perguntou: “Jovem, o que você estava falando ainda pouco?” Ele respondeu lá de cima de árvore que havia falado com o tukurinye e pediu pra ele ajudá-lo a descer da árvore, caso fosse gente. Então a pessoa que estava embaixo da árvore disse que era ela o tukurinye. Disse que tinha ouvido ele falar que queria alguém para ajudar a descer de cima de árvore e por isso foi ajudá-lo. A pessoa pediu para o jovem aguardar um pouco, que iria pegar um cipó para ele descer. Logo mais tukurinye trouxe um cipó comprido, amarrou no galho da árvore e saltou até em baixo e disse para o jovem que agora ele poderia descer, segurando bem forte no cipó. O jovem desceu até em baixo, e tukurinye gritou pra ele: “Olhe pra mim! Você vai andar por onde eu apontar. Segue essa direção e você vai sair na sua casa”. O jovem fez exatamente como tukurinye mandou e ele saiu na sua casa. A mãe perguntou a seu filho onde estava sua mulher. O jovem respondeu que não havia obedecido a sua mulher para não rir da dança do avô dela, acabou rindo. Assim, terminou a festa e todo mundo desapareceu, inclusive sua mulher, só restou ele no galho de uma árvore bem alta.

História do clã Makawemyene

Imagem 14: O urubu rei representa o clã Makawemyene



Fonte: Charle Martins Batista, julho de 2017.

Este desenho do urubu rei representa a origem do clã Makawemyene. Seu Manuel Antônio me contou a história de makewem (Rei urubu). Segundo ele, os makewen antigamente também eram gente como nós, moravam na mata de terra firme. Quando vinha para pescar e caçar desciam do céu. Os antepassados falavam que o makewemyene moravam no céu. Há muitos anos foi descoberto que o makewemyene moravam na terra, bem longe na mata de terra firme. Quando saíam para pescar ou caçar usavam sua capa e se transformavam em makewem, mas quando tiravam sua capa eles se transformavam em gente. Há muito tempo um homem Palikur foi pescar subindo o rio Urucauá. Chegando ao local da pesca, chamado pamyeket, ele viu muitos makewem, e um deles tinha duas cabeças. Quando o homem voltou para casa contou à sua família que tinha visto muito makewem pegando peixes no pamyeket, e um deles tinha duas cabeças. Ele disse à sua família que iria voltar na sexta-feira para matar o makewem que tinha duas cabeças, para preparar o seu cachorro, para ser um bom caçador. Quando chegou na sexta-feira o homem foi bem cedo. Chegou no pamyeket, os makewem ainda estavam lá, pegou seu arco e flecha e disparou contra makewem de duas cabeças. Ele acertou no peito do makewem o bicho caiu morto. Logo depois os outros makewem voaram, então ele desceu à terra, levou seu terçado, foi até lá e pegou o makewem, levantou seu terçado para cotar a cabeça do makewem, mas no mesmo instante alguém o chamou. Ele olhou para ver quem era que o

chamava. Ele percebeu que já estava cercado de gente, e um deles disse ao homem para não cortar a cabeça, e acusaram o homem de ter matado o cunhado deles, e agora se o seu pai soubesse da morte de seu genro todos iriam morrer. Eles disseram seu pai é o líder e o poder está na mão dele. Tudo que ele mandar fazer eles devem obedecer, senão morrem. E disseram ao homem que agora não tinha mais como ele fugir, eles disseram que ele tinha que ir com eles para ser seu cunhado. Eles avisaram para ele não ficar com medo deles, pois eles iriam ajudá-lo. Eles disseram que iam tirar a capa do cunhado que morreu e iriam vestir o homem com ela, e então ele iria se transformar em um ser parecido com o cunhado falecido. Mas antes dos makewemyene levarem o homem, eles deram um banho de folhas de plantas para tirar o seu cheiro, depois tiraram a capa do seu cunhado morto e vestiram no homem, e então ele se transformou num ser parecido com o makewem que estava morto. Então, o makewemyene disse para o homem: “Agora nós vamos assar os peixes, faça o seu wasimnah (jamaxi) para carregar os peixes”. O homem parikwane arukwayene terminou de tecer seu jamaxi, o encheu de peixe, então, depois disso, o makawemyene ensinou bem o homem como fazer quando chegasse na casa de makewem, e disse para parikwane arukwayene: “Quando chegarmos na aldeia entramos na casa do meu pai, primeiro você cumprimenta seu sogro e depois a sogra makewemyono, depois você guarda sua arco e flecha no canto da casa, onde makewem sempre guardava a sua arma, depois você volta e deite na rede, e as suas mulheres vêm servir com woska (caxixi). A primeira cuia de woska você deve tomar tudo de uma vez, e a segunda cuia você fala pra elas que deixem woska no seu lado para depois beber. Pouco tempo depois você bebe a segunda cuia de woska, e levanta da rede para tomar banho. Quando terminar de tomar o banho você volta novamente, deite na rede e a sua mulher mais velha vem deitar no seu lado e você dar abraço na sua mulher. Se ela estranhar e perguntar por que você tem cheiro diferente e disser que você não é seu marido, você deve responder: ‘Sou sim seu marido! Como você pode dizer pra mim que eu não sou seu marido? Cheguei junto com seus irmãos da caça e da pesca, como todo os dias, e você diz pra mim que eu não sou seu marido? Sou o seu marido sim!’. Então, toda vez que ela falar para você que não é o marido dela, você sempre responde que é sim”. Então encheram o wasinah de peixe, amarraram bem o makewemyene e disse ao parikwane para ficar no meio deles, e quando voassem não era para ele olhar para trás, pois se olhasse para trás ele iria cair, porque ainda não sabia voar. Então makewemyene e o homem colocaram o jamaxi nas costas e voaram, e quando estavam em cima das árvores o parikwane olhou para trás e caiu. Os makewemyene voltaram para buscar parikwane arukwayene, arrumou outras vez seu jamaxi, amarrou bem e voaram voltando para a aldeia de makewemyene. Quando chegavam na aldeia makewemnaw (aldeia de makewem) o parikwane aruwayene fez exatamente como foi

ensinado pelos seus cunhados makewemyene, mas quando a sua mulher mais velha deitou ao lado dele, sentiu o cheiro diferente, e ela falou que tinha sentido cheiro diferente, e desconfiou de que não era seu marido. O parikwane respondeu exatamente como seus cunhados haviam lhe ensinado. Mas a mulher não acreditava. Então, a mulher chamou seus pais e seus irmãos e disse para eles que o homem que estava lá não era seu marido, pois o cheiro dele é diferente do que o meu marido makewem. Os irmãos dela responderam: “Irmã não fale assim. Este homem é seu marido, ele é nosso cunhado makewem”. O pai então disse para sua filha que o homem que estava lá era sim seu marido. A irmã mais nova falou: “Irmã, eu te falei que ele é o nosso marido sim”. Mas a mulher mais velha não acreditava e continuava dizendo que ele não era seu marido. Então o pai falou: “Filha, vou mandar o meu genro fabricar madikawku nuwewtem (dez canoas). Se ele não for meu genro ele não vai conseguir fazer madikawkumku nuwewtem por um dia”. Então makewem levou o homem no local onde fabricava canoas, chegou lá disse ao genro: “Entrego estes madikawku nuwewtem para você fabricar para mim, e quero que me entregue no mesmo dia, pela parte da tarde, e entregue as minhas canoas já prontas”. O parikwane disse: “Tudo bem sogro. Vou começar amanhã bem cedo e a tarde entrego as canoas”. No dia seguinte o parikwane arukwayene levantou bem cedo e disse à sua mulher que iria fazer as canoas do seu pai e pediu para depois ela levasse caxixi para ele. Então arukwayene foi, chegou lá e ficou desesperado, porque sabia que não ia conseguir fazer dez canoas em um único dia. Então o homem ficou muito triste, até chorava com muito medo do seu sogro, porque se ele não conseguisse fabricar dez canoas de seu sogro em um dia ele iria descobrir que não é seu genro verdadeiro, e então ele iria lhe matar. O homem continuava chorando, chorando e pensava: “Hoje é último dia da minha vida”. Nesse momento alguém o chamou, ele olhou pra lá, viu um homem que perguntou por que ele estava chorando. O parikwane respondeu que estava chorando porque tinha matado o genro makewem, e agora o sogro de makewemyene o mandou fazer dez canoas em um dia. O homem que estava falando com parikwane era do clã mumnyene, e disse: “Olha para mim – se você não vai conseguir terminar as dez canoas de makewem ele vai te matar, mas eu posso te ajudar fabricar estas canoas e antes da tarde nós vamos terminar. Vou buscar mais gente para nos ajudar, mas eu te digo, que quando a sua mulher trouxer caxixi, você bebe uma cuia e a outra cuia você deixa para nós. Então quando sua mulher voltar nós vamos beber nossa cuia”. Parikwane concordou com tudo. O mumnyene foi buscar seus parentes para ajudar fabricar as canoas, e pouco tempo depois o mumnyene chegou com muita gente e logo começaram a formar dez grupos de dez pessoas, e cada grupo fabricava uma canoa, e quando deu 9 horas da manhã veio a mulher trazer o caxixi. Então o clã mumnyene se esconderam. Ela chegou e disse a seu marido que tinha ido levar o caxixi. Ele

pegou uma cuia e bebeu, a outra ele disse para ela deixar no lado dele que depois ele bebia. A mulher perguntou como estava seu trabalho, e o parikwene respondeu que as canoas já estavam quase prontas, faltava pouca coisa para terminar. A mulher voltou para casa, e os mumnyene voltaram a trabalhar. Quando deu meio dia terminaram de fabricar as 10 canoas, e então beberam o caxixi e disseram ao parikwene arukwayene para ir entregar as canoas de makewem. Pela tarde o parikwene foi entregar as canoas de makewem e disse: “kukkya nobabki piwewten” (sogro, vim entregar suas canoas. Elas já estão prontas). Então o makewem foi olhar se realmente as canoas estavam prontas, e percebeu que as canoas eram parecidas como as que makewem fabricava. Então ele disse à sua filha: “Como você pode dizer que este homem não é seu marido? Venham ver as canoas que ele fabricou, pois são parecidas com as que sempre fabricava. Você não pode duvidar que ele não seja seu verdadeiro marido”. A mulher de makewemyene não acreditava e continuava dizendo que ele não é seu meu marido. Então o pai dela disse que ia mandar ele derrubar (nubiravan) a roça dele. Se ele não é o meu gero não vai terminar de derrubar a minha roça em um dia. Dois dias depois o makewem disse (nuwayrin) genro tenho uma (nubiravan) roça e quero que você a derrube para mim. Então o genro disse que ia derrubar sim a roça de seu sogro. Então makewem levou o genro para roça. Ao chegar lá mostrou sua roça e mandou que derrubasse para ele. Quando terminou de falar makewem voltou para casa, e o homem ficou na roça, triste e desesperado. A roça de makewem era muito grande e não sabia como termina o cumprimento e a largura da roça e arukwayene chorava muito, e dizia para si que não ia conseguir terminar a derrubada dentro de um único dia. Depois de se lamentar, viu um bichinho pariwri passando perto dele e disse: “Pariwri, se você é gente, queria falar com você para me ajudar a derrubar a roça de makewem”. Quando terminou de falar sozinho vieram duas pessoas ao seu encontro e disseram para arukwyene: “O que você estava falando?”, ele respondeu que viu dois pariwri e falou com eles, que se fossem gente que queria que eles o ajudassem a derrubar a roça de makewem. Então as pessoas responderam que eles eram pariwriyene e quando estavam passando tinham ouvido ele falar que queria alguém para ajudar a derrubar a roça, e se colocaram à disposição para ajudar no trabalho, e disseram que podia contar com eles, pois eles iam ajudá-lo. E disseram para ficar tranquilo, pois antes da tarde iriam terminar a derrubada da roça. Logo o pariwriyene trouxe um cipó cumprido e disse ao outro para segurar firme na ponta de cipó, que iria contornar a roça, e quando chegar aqui de volta iriam puxar o cipó. O pariwriyene foi correndo, e em pouco tempo depois ele chegou e disse: “Agora segure bem a ponta de cipó”. E então os pariwriyene puxaram o cipó com muita força, apertaram as árvores que começaram a cair sem parar. Antes do meio dia já tinham terminado de derrubar a roça. O pariwriyene disse à parikwene que haviam terminado, e que

agora era para ele avisar makewem, que a roça já estava derrubada. Então, parikwene foi avisar seu sogro makewem, chegou com seu sogro e disse: “kukkiyan, kwis pisemnwa abiyavak, pibiwavan” (sogro a sua roça já está derrubada). Logo o makewem foi ver sua roça, e ao chegar lá viu que já estava bem derrubada. Retornou para casa e disse mais uma vez para sua filha que estava provado que aquele homem era mesmo seu marido makewemyene, pois ele conseguiu derrubar sua roça em apenas um dia. E ainda perguntou para sua filha: “Você acha que outro homem consegue derruba uma roça grande e termina no mesmo dia? Ninguém faz isso, só mesmo o makawemyene tem a capacidade de fazer este trabalho. Então pare de dizer que ele não é o seu marido!”. Mas mesmo assim a esposa de makewemyene continuava a desacreditar. Então makewem disse à sua filha: “Amanhã vou mandar nuwayrin hakisava nubiyavan (o meu gero tocar fogo na minha roça)”. Logo chamou parikwane e disse que no outro dia iria tocar fogo na sua roça e deixar bem queimado e limpo. Amanheceu, e então arukwayene chegou na roça e viu que as folhas ainda estavam verdes, porque só tinham três dias que havia terminado a derrubada. Então arukwayene tentou tocar o fogo, mas não pegou, ele ficou triste e chorava muito. Mas de repente apareceu gente karuwyene e perguntou ao homem por que estava chorando. Parikwane respondeu que chorava porque makewem mandou queimar a roça dele, mas o fogo não queria pegar porque as folhas ainda estavam verdes, e se não conseguisse queimar a roça o makewem iria matá-lo. Então o homem karuwyene garantiu que iriam ajudá-lo a queimar a roça. Os karuwyenevwi se espalharam na roça, tocaram o fogo e a roça pegou muito fogo. A queimada de roça durou até a tarde, e ela ficou bem queimada, só restaram troncos das árvores grandes. Quando terminou disseram que haviam terminado e que já poderia retornar e avisar o makewem que sua roça já está queimada. Ele foi, chegou lá disse (kukkyan) ao seu sogro que sua roça já estava queimada. Makewem foi ver a roça, chegou lá e realmente a roça estava bem queimada. Retornou e disse: “Filha, como você pode dizer que este homem não é o seu marido? Veja, ele queimou a roça apenas de três dias de derrubada e deixou bem queimada, ninguém pode fazer isso, só o makewemyene fazia esses tipos desse trabalho”. No entanto, a mulher de makewemyene continuava dizendo ao seu pai que sentia o cheiro dele, e que era diferente de seu marido makawemyene. E insistia dizendo que ele não era seu marido. Então dessa vez a sogra foi fazer a última tentativa. Ela mandou makawemyene tecer (nuwagah) abano, e dentro do abano ele vai fazer (nuvarap) a parte da frente da sua sogra (vagina), se ele não for o genro verdadeiro não vai conseguir fazer o abano que a sogra queria. Então, logo mandou o parikwene fazer o seu abano, ele foi desesperado tirar o arumã no mato, triste e pensando como iria fazer o abano de sua sogra parecido com guvarap, nunca tinha visto guvarap. Quando terminou de falar sozinho, viu wagaygi (lagartixa) passando e disse:

“Wagaygi, se você é gente, me ajude a tecer o abano da minha sogra”. Pouco tempo depois ele estava sentado numa árvore caída no chão, veio um homem e disse a ele: “O que você estava falando?” Ele respondeu que havia falado com uma waraygi que viu passando e pediu sua ajuda para tecer o abano de sua sogra, caso fosse gente. Então o homem respondeu: “Pois eu estava passando e sou eu waraygiyene. Vim te ajudar e eu garanto que quando você chega lá, aproxime bem perto da sua sogra, e eu vou subir em baixo da saia dela, quando ele puxava a saia para cima você olha para guvarap, preste bem atenção quando você olhar para guvarap para ter a ideia de tecer o abano dela parecido com guvarap”. Quando o homem voltou do mato foi bem perto da sogra, começou a tecer (awagri) abano e veio wagayri, subiu por baixo da saia da sogra makewemyono, assustado puxou a saia para cima, logo o parikwene olhou para ela e viu guvarap e disse que já sabia como fazer o abano parecido makawemyono guvarap, e começou a fazer e fez dentro de awagri o abano igualzinho makawemyono guvarap. Quando terminou de tecer disse para sua sogra que havia terminado e entregou o abano. Ela foi ver e percebeu que realmente dentro do abano era parecido com guvarap. Ela pegou o abano, mediu, botou em cima do guvarap e deu certo, além de estar bem parecido com guvarap. Ela chamou a sua filha e disse: “Filha, sem dúvida este homem é seu marido makewemyene. Olha aqui, ele fez o meu abano parecido com guvarap”. E sua irmã mais nova reforçou: “Eu disse irmã, eu falei para você ele é o nosso marido. Nós não devemos tratar o nosso marido dessa maneira, contrariar o nosso marido, devemos ter respeito por ele, e para de provocar o nosso marido”. Mas a mulher mais velha não acreditava na palavra da sua irmã, nem de sua mãe e nem de seu pai. Continuava dizendo que aquele não era seu marido. Então, uma semana depois o wagaygi veio avisar ao parikwene que agora não teria ninguém que pudesse ajudá-lo. Disse que ele teria que dar jeito de fugir, senão iria morrer. Uma semana depois os cunhados makewemyene disseram para parikwene: “Nós vamos caçar e pescar”. Quando eles chegaram no local da pesca, parikwene reconheceu o lugar, onde matou o cunhado de makewemyene. Então o arukwayene se afastou pouco de seus cunhados e pegou um galho e bateu no troco de árvore, fez o barulho forte, assustou o makewemyene que voaram para alto do céu, logo o parikwene pulou na água fugindo. Os makewemyenewi desceram e pousaram na árvore, chamaram o parikwene, mas ele já tinha fugido. Quando ele chegou na sua casa contou à família tudo o que havia acontecido com ele. Portanto, o senhor Wet disse que é por isso que os antepassados acreditam que o makewem antigamente eram gente, e eles criam aldeia dentro da mata de terra firme, e passaram a ser chamados de makewemyene.

História do clã Maiyene

Imagem 15: Este desenho representa o clã Maiyene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho representa o clã Maiyene. Sobre este clã busquei informações com Manoelzinho Hipólito, conhecido na língua parikwakri Manwey. Segundo seu relato, o clã mayene morava no lago chamado Tupai, conhecido na língua palikur (Tuveynih). O lago Tupai se localiza em frente da Tipoca, de uma ponta chamado Warimukvit. As pessoas fisicamente são morenos, baixos e fortes, são malvados e predadores. Porém, são inimigos dos Palikur. Os mayene moravam dentro do lago, e eles aparecem como objetos bichos que flutuava dentro da água, mas quando sobem na terra transformavam gentes. Muitos anos atrás os Palikur não podiam pescar no lago Tupai, porque os maiyene são gente malvado, e também ele me disse que o maiyene tinha uma planta, chamado na língua palikur (wareku), e que estava na pequena ilha na beira do lago Tupai. Atualmente a ilha é chamada maiye kewihga (ilha do maiye). A planta do maiye é uma árvore muito linda, parece brilho do sol poente e sua planta serve para fazer remédio para preparar as pessoas para ser bom de pesca, de caça e ser bom para disparar a flecha. A planta servia para qualquer tipo de remédio, só era preciso passar em baixo da árvore e dizer o que precisava e assim era feito. O pajé Palikur achava que os maiyene não deviam

morar no lago Tupai, porque eles matavam muitos Palikur. Então o pajé decidiu proteger o seu povo e lançou uma guerra espiritual. Fez com que todos os maiyene não enxergasse nada, e mandou uma pessoa que é mais panema para disparar a flecha contra o pajé maiyene. E então quando a pessoa panema chegou no lago Tupai, viu um guarda embaixo da árvore (wareku), mas como os maiyene não enxergavam por motivo do feitiço provocado pelo xamanismo Palikur, o homem panema chegava bem perto dos maiyene e disparou a flecha contra o mais poderoso pajé do maiyene, e ele gritou muito. Logo os maiyene subiram do lago e correram fugindo e saíram do lago Tuveyni. Então o homem panema voltou e contou para o pajé que os maiyene saíram do lago tuveyni. O pajé mandou o seu povo para arrancar a planta wareku e trazer a planta com eles, mas quando as pessoas chegaram na ilha os maiyene elas já haviam voltado. Eles arrancaram a planta wareku e levou junto com eles, porque a planta é importante porque dava sorte para maiyene.

História de clã Tukurinyene

Imagem 16: O japim do mato representa o clã tukurinyene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

Este desenho representa o clã Tukurinyen (japim do mato). Wet me explicou que o clã tukurinyene são pessoas trabalhadores na construção de casa, faziam a construção de uma aldeia apenas por uma semana (isto é o que o japim fazia seu ninho e amarrava em cima da árvore). Segundo Wet, antigamente tukurinyene também eram gente, e moravam junto com a sua família, cada uma família tinha sua própria casa e em cada dia buscava a coleta da fruta de vegetais para sustentar a sua família. Wet conta que no período de chuva do kayeb, tukurinyene saiu para caçar, o clã yatwayene (gamba) chegou para visita tukurinye mas não achou, porque ele havia saído para caçar, mas encontrou as filhas de tukurinyene e ficou lá conversando com elas. Depois disse: “Vocês são mulheres lindas eu gosto de vocês, será que nenhuma de vocês gostam de mim? Posso casar com qualquer uma de vocês!” Então a filha do tukurinye mais velha disse: “Eu gosto de você, Yatwa. Eu posso casar com você, mas você deve falar com meu pai”. Quando o tukurinyene chegou da caça (yatwa) gamba se escondeu e não teve coragem de falar com ele. Uma semana depois yatwayene veio com dois inambus assado, trouxe para o tukurinyene. Ele ficou alegre agradeceu yatwayene, depois disse: “Você é um homem bom, pode falar agora o que está querendo, eu posso de ajudar”. Gambá respondeu: “Vim pedir casamento com sua filha mais velha, eu gosto dela e ela também gosta de mim”. Tukurinyene entregou a sua filha para yatwayene. Tukurinyene ainda disse para seu genro: “Yatwayene,

agora você vai morar conosco. Eu trabalho com a construção de casas, veja estas casas todas são minhas, fui eu quem construí. Vou dar uma casa para você morar com a minha filha, mas a casa não está terminada, então você vai terminar de construir a casa”. Mas Yatwayene não sabia construir casa, ficou com vergonha do sogro e não falou nada. Também não mexeu com a casa. Então chegou o período de kusuvri eguttye “a maior chuva do ano”. De madrugada veio a chuva com vento forte, levou a casa do yatwayene até a água e tukurinyene ficou zangado com o genro yatwayene, e disse: “Eu avisei, mas até agora você não fez nada, então é melhor você seguir seu caminho de onde você veio”. Assim, Yatwayene foi expulso, deixou a sua mulher e voltou triste para sua aldeia.

História de clã Karowkimnyene

Imagem 17: A onça representa o clã Karowkimnyene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho karowkine (onça) representa o clã Karowkimnyene, ou família de origem da onça. Sobre este clã busquei informações com dona Jovita Labontê. Ela contou que antigamente um homem Palikur do clã wayvuyene estava fabricando a canoa no lugar chamado karowkim garawnekeg (canto da onça). Então quando ele estava descansando ao meio dia veio uma mulher bem bonita, com rosto pintado com uma tinta de vegetais, trouxe uma cuia de danka (caxixi) para o homem, e o serviu. Quando terminou de beber o caxixi, perguntou a mulher de onde veio, e ela respondeu que morava perto dali. O homem namorou com ela e depois casaram, mas o homem parikwene não sabia que era mulher karowkimnyano e a levou para sua aldeia. Um ano depois tiveram um filho chamado na língua parikwakri Kariwa. Era um jovem bonito, todavia, na festa de turé as mulheres ficavam alegres e só queriam dançar com Kariwa. Quando ele não ia na festa as mulheres ficavam com saudade e choravam. Então Jovita conta que anos depois a mãe do kariwa foi visitar sua família, e seus irmãos dizem que iriam também fazer uma visita a ela, que queriam conhecer seu marido. Mas quando a mulher chegou em casa não contou para seu marido, que seus irmãos estão indo para visitá-la, e também não contou que ela era karowkimnyano. Portanto, parikwane não sabiam que a sua mulher era karowkimne. Duas semanas depois, de noite, choveu forte de manhã e seu marido ouviu o grito da onça bem longo dentro da mata. Pouco tempo depois a onça gritou próximo a casa, e os cachorros correram e

latiam contra a onça. Então o parikwane imediatamente pegou seu arco e flecha, seguiu o cachorro, e neste momento a sua mulher estava dormindo. Quando chegou lá, a onça estava em cima de uma árvore, e disparou a flecha bem na direção do peito da onça, e caiu morta. Então quando a mulher acordou e ouviu os cachorros latirem no mato e seu marido não estava, logo correu desesperada até onde os cachorros latiam. Quando viu a onça pintada morta, ficou com raiva e disse você matou o meu irmão, tanta raiva ela ficou que até se transformou em onça e carregou seu irmão e seguiu no mato e não voltou, então neste momento que o parikwane percebeu que ele havia casado com mulher do clã karowkimnyene, portanto o kariwa identifica o clã karowkimnyene.

História do clã Tuwesruiyene

Imagem 18: O arco-íris representa o clã Tuwerusyene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho arco-íris representa clã Tuwesruiyene. Sobre esse clã, o senhor Manuel Antônio (Wet) contou que antigamente um homem sempre buscava caranguejo ganarekut (mar). Um dia sua filha falou: “Papai vou com você anarekut buscar caranguejo”. Mas o pai reondu: “Não pode, filha. Você sabe que já está chegando o dia da sua menstruação, o mar tem dono e ele fica zangado quando ver a mulher menstruada. É melhor você ficar com sua mãe em casa, e outro dia você vai comigo. Porque se o dono do mar sentir o cheiro da menstruação, imediatamente chega, e ele é perigoso e vai devorar todos nós. Ninguém foge”. Mas a filha respondeu: “Não, pai. Vou sim com você. Se ocorrer a menstruação você me joga junto com a minha galega no mar, não vou morrer, vou continuar vivendo neste mundo e todas as pessoas da futura geração vão me ver, porque sou tuwesruiyeno (arco-íris), se eu apareço em direção onde o sol se põe, não bebem a água do rio porque meu sangue menstrual pode fazer mal a vocês, e não sabem a cura da doença provocada pela tuwsru (arco-íris), pois é difíceis achar a cura. Mas se eu apareço em direção onde o sol nasce podem beber a água, pois não vai fazer nenhum mal”. Depois disso ela ensinou o pai a cantar uma música, que servia para cura de doenças provocada pelo arco-íris. Wet contou que o tuwesruiyeno falou para o pai: “Quando você ver tuwesru em direção onde sol nasce, grande bem alto no céu com três cores, a última cor de baixo é minha galega, que está sempre junto comigo, que marca o sinal de grande chuva que vai chover aqui na terra, mas se eu apareço em direção de onde o sol se põe, estou dando

sinal que marca o fim da chuva do ano. Quando eles chegaram no mar a menina menstruou e imediatamente veio vento forte, as ondas começaram a crescer, veio também o medo e seu pai lançou sua filha na água do mar. Três semanas depois apareceu o arco-íris em direção do Leste, então aconteceu realmente como a menina havia falado.

História do clã Kawruyene

Imagem 19: A arara-vermelha representa o clã kawruyene

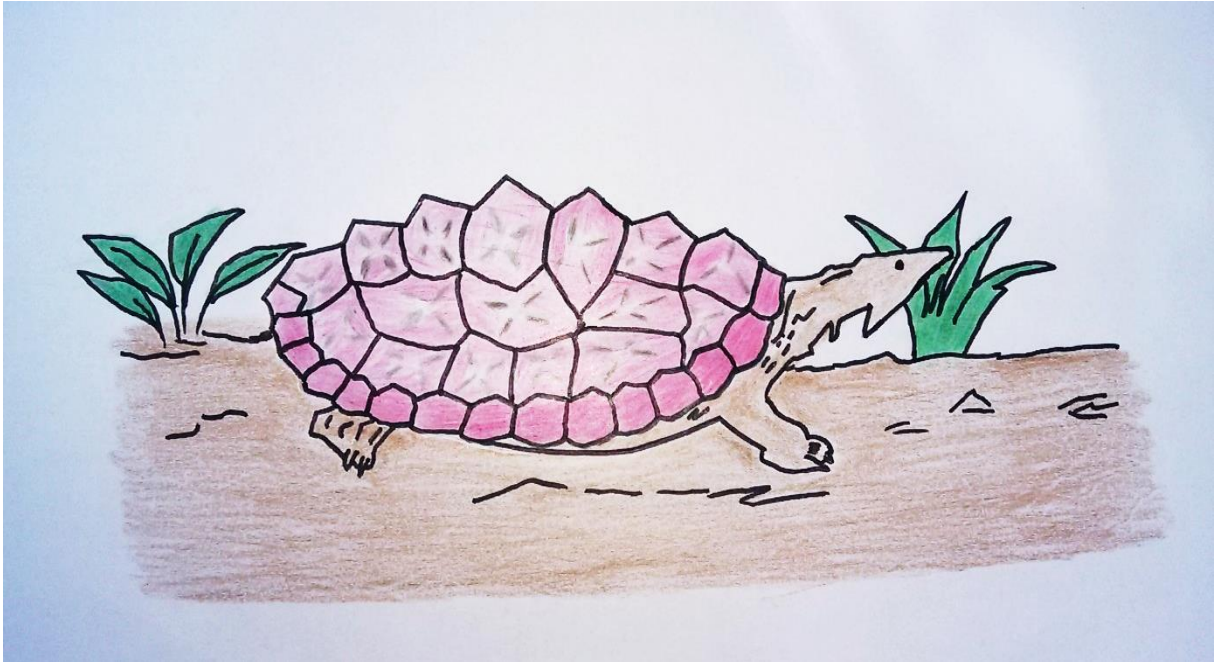


Fonte: Edilson Martins Batista, julho de 2017.

O desenho kawru (arara-vermelha) representa o clã Kawruyene. Segundo as narrativas de seu Wet, antigamente o clã que tem sua origem na arara-vermelha morava na montanha Cajarí. Eram famílias lindas, pitavam os seus rostos com tintas extraídas de vegetais, os cabelos vermelhos e compridos, usavam tinta feita com urucum para pintura dos cabelos. Mas essas famílias desse clã da arara-vermelha eram bem poucos no passado, e foram extintos quando tiveram o primeiro contato com os europeus que chegaram no Rio Urucaúá.

História de clã Mahamhayene

Imagem 20: O animal matá-matá representa o clã Mahamhayene

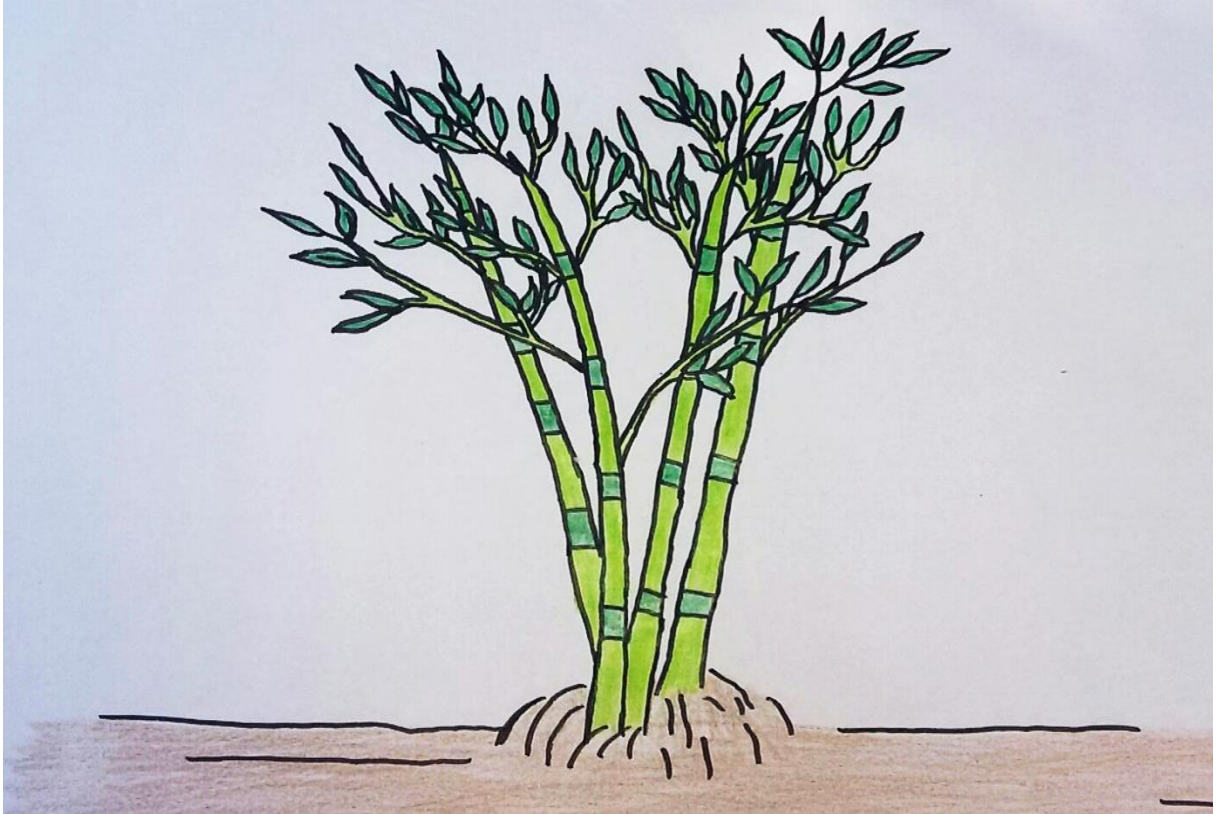


Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017

O desenho representa o clã Mahamhayene (mata-matá). Wet explica que antigamente matá-matá eram gente, seu pescoço era cheio de botões como colares, mas não é jeito que elas apresentam a vida, as mulheres são trabalhadoras, faziam diferentes tipos de beiju pitadas com as marcas que representava seu clã.

História de clã Iwivrayene

Imagem 21: O bambu representa o clã Iwivrayene

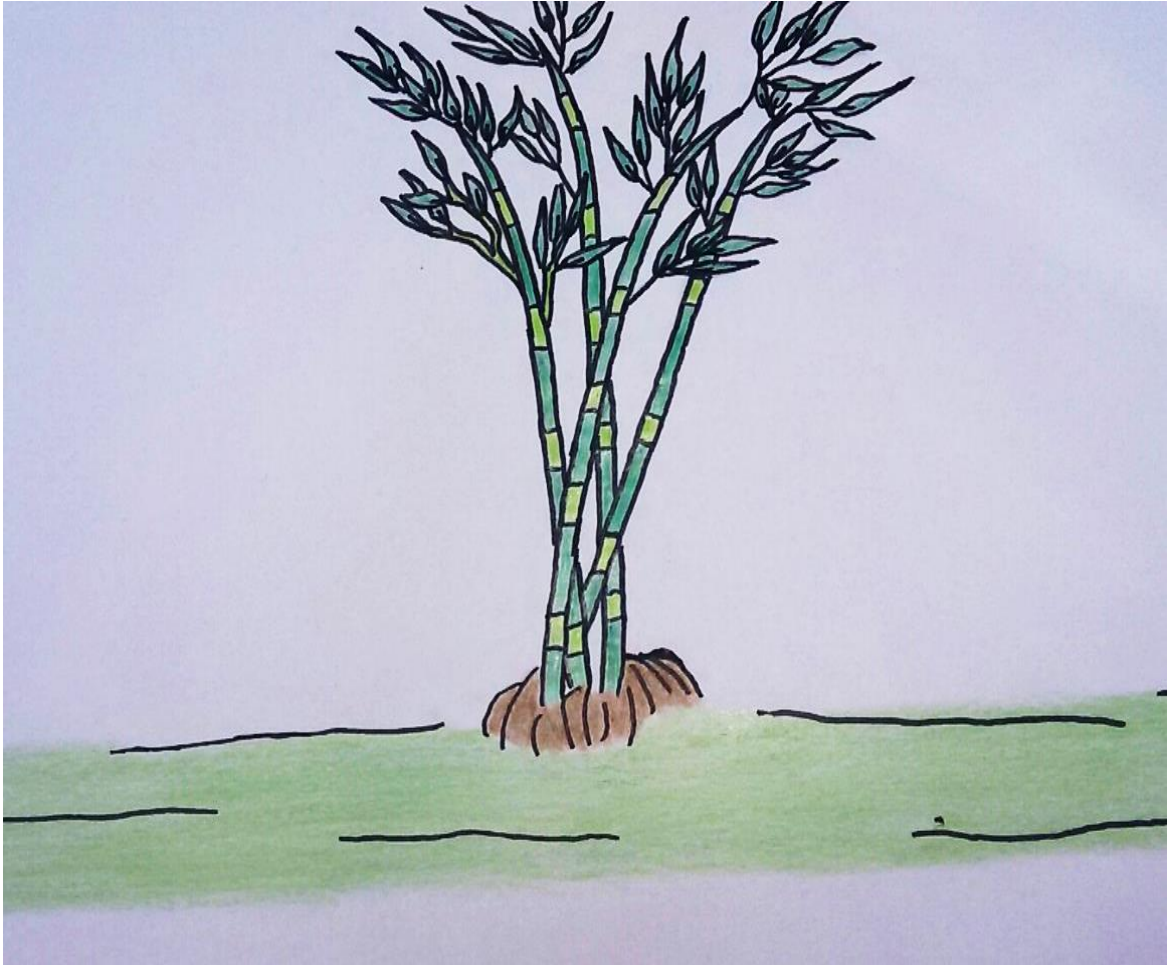


Fonte: Charle Martins Batista, julho de 2017.

O desenho iwivra (bambu) representa o clã Iwivrayene, as famílias de origem do bambu. Wet me contou que a planta bambu há muitos anos atrás se transformavam em gente, por meio de bambu sugiram as pessoas, portanto essa família passa a ser chamado de clã iwivrayene.

História do clã Kurumwiyene

Imagem 22: O bambu venenosa representa o clã Kurumwiyene



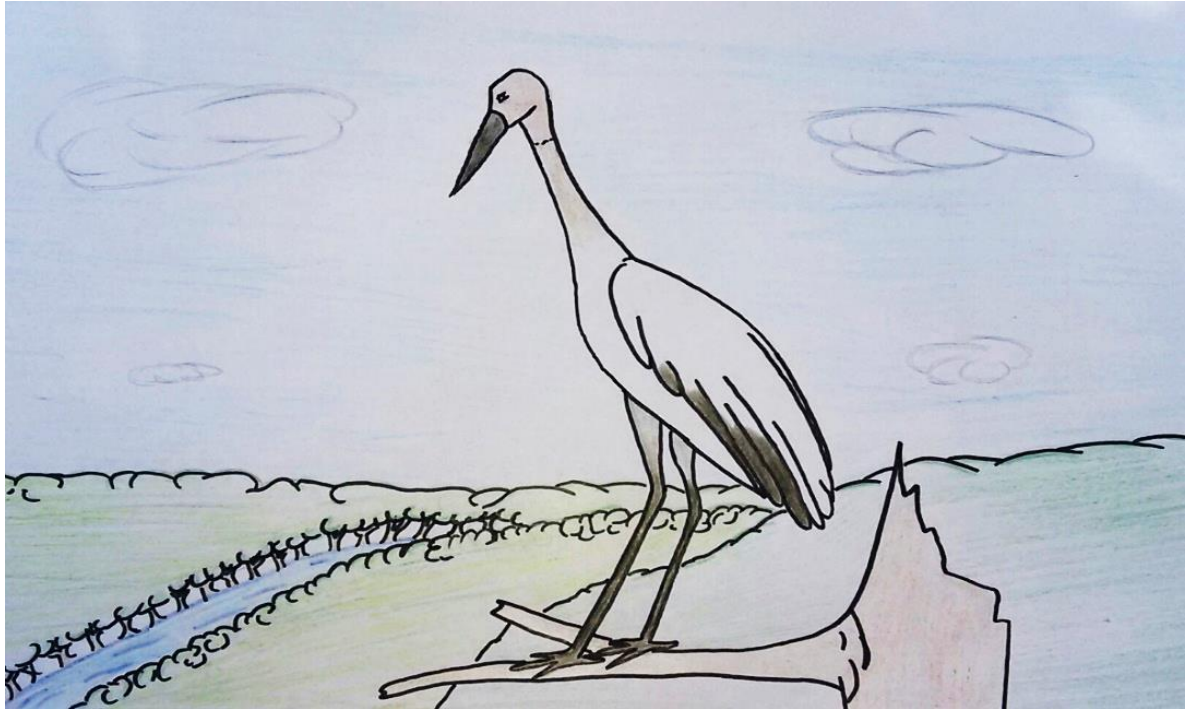
Fonte: Charle Martins Batista, julho de 2017.

O desenho de bambu venenoso representa o clã Kurumwiyene, são as famílias que têm sua origem do bambu venenoso. A respeito desse busquei informações com Manuel Antônio, e ele me explicou que o clã kurumwiyene surgiu por meio da planta chamada “bambu venenosa”, e na língua Palikur “parikwari kurmwi”. Portanto a família kurumwiyene era considerada perigosa. Wet conta que o clã kurumwiyene usava o bambu venenoso para fazer remédio de banho para preparar pessoas para guerra, também preparavam as pontas de flechas tanto para guerra quanto matar a caça. As pessoas preparadas com bambu venenoso não podiam brincar com outras pessoas e não podiam dar castigo a seu filho ou filha, porque poderiam causar doença provocada pelo veneno de bambu que leva até a morte. Quando matam a caça com a flecha preparada com kurumwi, o caçador imediatamente tira a carne onde a flecha atinge, para

evitar a ação de veneno. Wet explica que as mulheres no período de menstrual ou período de gravidez não podem comer a caça que foi matado com a flecha que é preparada com kurumwi. O kurumwi também é usado para preparar o cachorro para ser um bom caçador, mas também as mulheres no período menstrual ou período de gravidez não podem comer a caça do cachorro. Se tentar comer ela morre, por isso clã kurumwiyene são malvados e perigosos.

História do clã Yawiyane

Imagem 23: O jaburu representa o clã Yawiyane



Fonte: Edilson Martins Batista, julho de 2017.

O desenho do jaburu representa o clã Aywiyene (jaburu). Neste desenho Manuel Antônio conta que aywiyene surgiram por meio de yawi (jaburu), portanto essa família passa a ser chamados de yawiyene. Wet informa que antigamente os yawiyenevwi moravam no lugar chamado yawiyan. E este lugar localiza-se no Rio Uaçá, conhecido na língua parikwakri como Uwasavrik. A maioria do povo yawiyene era pajé (ihamwi), mas um deles é o pajé principal, chamado yawi gahawkri, o avô de jaburus. Na festa do Turé ele é o melhor cantor, pois sabia muita música de Turé. Wet conta que yawi gahawkri também realizava o ritual funerário. Então, no período da realização de ritual funerário o yawi gahawkri teve uma visão espiritual. Ele disse que ele descobriu outro mundo, conhecido na língua parikwakri (pahakap), que é um lugar maravilhoso, onde não há doença, nem fome, nem morte. Então Wet conta que o yawi gahawkri espalhou a notícia por todos os povos do Rio Urucauá, que ele ia preparar a realização do ritual funerário. Nesta festa apenas as pessoas que querem passar morar no outro mundo deveriam participar da festa. Todas as pessoas que dançavam nesta festa quando dormiam não acordava mais. Elas morriam. Mas yawi gahawkri disse que as pessoas não morriam, apenas passaram a morar no pahakap, outro mundo onde não haverá a morte. Então na festa de funeral que o yawiyene realizava terminam com muitas gentes arukwayene, pois o povo arukwayene

acreditava na fala do ihamwi yawi gahawkri. Por isso muita gente decidiu passar morar no outro mundo.

História do clã Kaygyene

Imagem 24: A lua representa o clã Kaygyene



Fonte: Ailton Batista, julho de 2017.

O desenho da lua representa o clã Kaygyene. Neste desenho o wet conta que kaygyene eram famílias de origem de lua.

História do clã Saruwyene

Imagem 25: A lontra representa o clã Saruwyene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho da lontra representa o clã Saruwyene. Neste desenho Wet informa que saruwyene surgiu por meio de saww (lontra), então as famílias que surgiram por meio da lontra passaram a ser chamados de clã sawwyene.

História do clã Parawyene

Imagem 26: A onda representa o clã Parawyene



Fonte: Charle Martins Batista, julho de 2017.

O desenho paraw (onda) representa o clã Parawyene. O senhor Wet explica que as famílias parawyene surgiram por meio das ondas do mar. Depois essas famílias passaram a morar na terra. O clã de origem da onda também é chamado paraw hawyune. Wet conta que as famílias de origem da onda eram constituídas de pessoas fisicamente fortes e cabelos bem compridos. O avô do finado León era chamado Wokri Mbayevye, isto significa que ele é pajé perigoso. Então o Wet disse que a mãe de Wokri Mbayevye era de origem da onda. O seu pai era chamado Wasadmim. O pai do Wasadmim, conhecido como Wodmim ou Wokri Mbayevye, mesmo informante disse que atualmente as famílias de origens da onda são identificadas como clã wayvuniyene (lagarta), os filhos e os netos de León e seu irmão Paulo são descendentes de famílias de origens da onda.

História do clã Yatwayene

Imagem 27: O gamba representa o clã Yatwayene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho do iyatwa (gambá) representa o clã Yatwayene. Seu Wet disse que o clã yatwayene são famílias de origem de gambá, que antigamente o animal gambá se transforma em gente, por isso deu a origem de famílias yatwayene.

História do clã Mmunyene

Imagem 28: O cupim representa o clã Mmunyene



Fonte: Agnaldo Martins Batista, julho de 2017.

O desenho mmun (cupim) representa clã Mmunyene, famílias de origem de cupim. Neste desenho Wet explica que antigamente o cupim também era gente, e eles eram grandes conhecedores em fabricar canoas. No entanto, o clã mmunyene ajudou o Palikur que matou o genro de makewem (urubu rei) a fabricar canoas, quando os cunhados de makewemyene levou o Palikur para ser o marido da sua irmã, porque eles ficaram com medo do seu pai saber da morte de seu gemo makawemyene. Mesmo assim a mulher de makewemyene percebeu que ele não é o seu marido. Então o sogro de makewemyene pediu ao Palikur para fabricar dez canoas para ele, e pediu para entregar no mesmo dia, à tarde, para perceber se ele era realmente ou não seu genro. Mas como o Palikur já sabia que ele não era o genro de makewem, e não ia conseguir fabricar dez canoas em um dia, ficou com medo e desesperado, porque sabia que ia morrer. Por fim, apareceu o clã do cupim e ajudou o Palikur a fabricar dez canoas no mesmo dia para makewem. Então Wet disse que o clã do cupim salvou o Palikur da morte. Porque se ele não consegue fabricar dez canoas em um dia, então o makewem iria perceber que ele realmente não era seu genro makewemyene, então ele iria matar o Palikur.